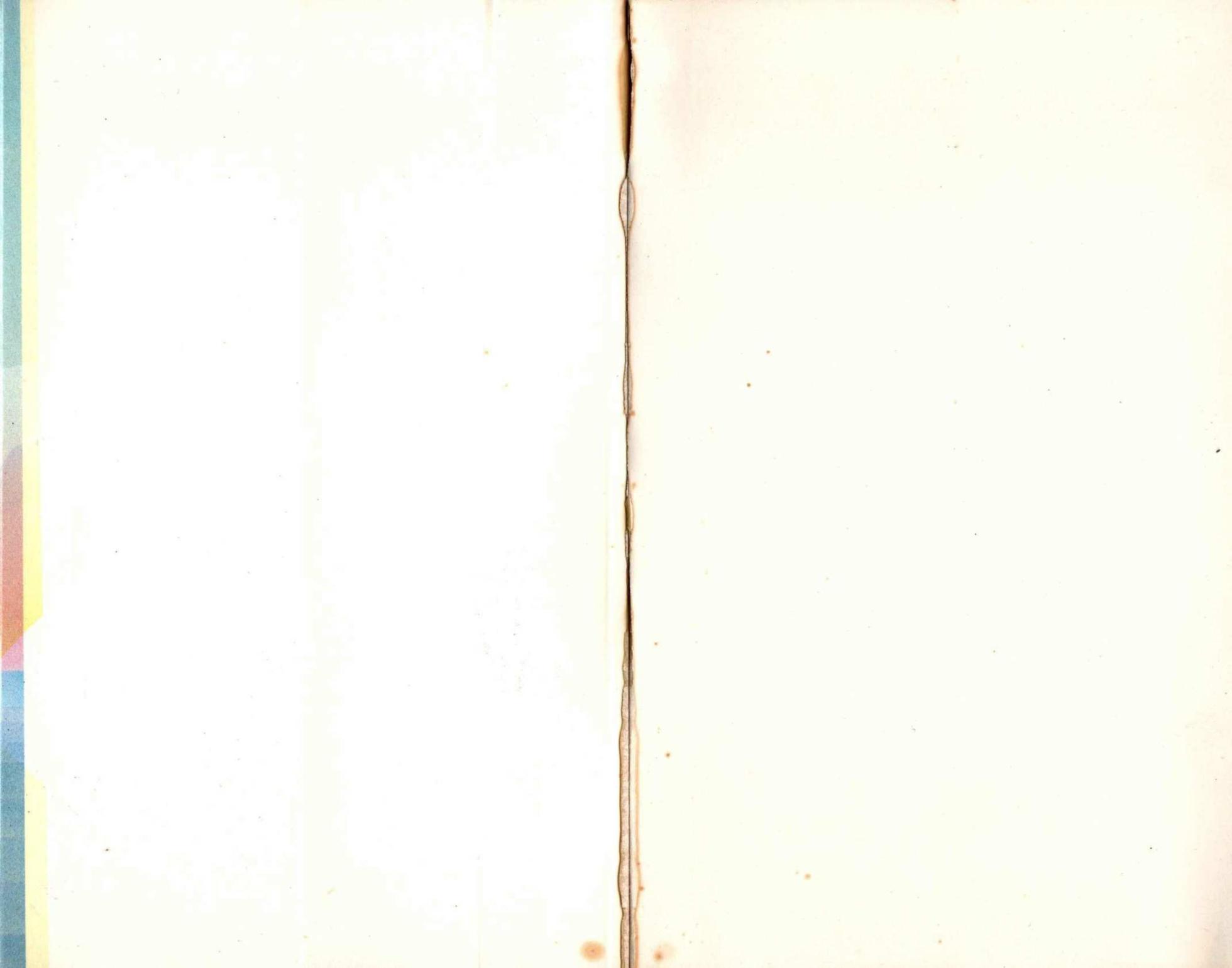
A stylized tropical landscape illustration. The top left corner features a large, dark green palm frond. The background is a gradient of light blue at the top, transitioning through pink and orange to a yellow sun or moon. In the lower left, a small green island with two palm trees sits on a sandy beach. The ocean is depicted with horizontal bands of blue and green. The overall style is graphic and minimalist.

INTERCÂMBIO DO BEM

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Autores Diversos



Homenagem e gratidão a
Rolando Mário Ramacciotti

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
AUTORES DIVERSOS

INTERCÂMBIO DO BEM

GRUPO ESPÍRITA
EMMANUEL S/C EDITORA
G.E.E.M.
1987

ENTREVISTAS E NOTAS:

CAIO RAMACCIOTTI

PAULO DE TARSO RAMACCIOTTI

Catlogação-na-Publicação

X19i Xavier, Francisco Cândido, 1910 -
Intercâmbio do bem/Francisco Cândido Xavier, Espíritos
Diversos. Caio Ramacciotti e Paulo de Tarso Ramacciotti (notas
e entrevistas). São Bernardo do Campo: GEEM- Grupo Espírita
Emmanuel, 1987

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos Diversos. II Título.

CDD 133.91
133.9

Indices para catálogo sistemático:

1. Escritos psicografados : Espiritismo 133.91
2. Espiritismo 133.9
3. Espíritos : Comunicações mediúnicas :
Espiritismo 133.91
4. Psicografia : Espiritismo 133.91

CAPA:
GESSÉ ALVES PEREIRA

DIAGRAMAÇÃO:
VIVALDO DA CUNHA BORGES

PRODUÇÃO:
ADEMIR DE CARLO

ÍNDICE

Intercâmbio do Bem (Emmanuel)	11
1) André Max Graeser	15
2) Cláudia Cunha	21
3) Dino De Caro	27
4) Erika dos Santos Soares	33
5) Flávio Luiz Mazetti	41
6) Heládio Carvalho Nunes	47
7) José Tadeu Banchi	53
8) Laudinei José Soares Laudemir José Soares	62
9) Lineu de Paula Leão Júnior	67
10) Maria Elizabete de Oliveira Cavalcante	77
11) Miguel Elias Barquete	83
12) Otávio José Sanches	91
13) Roberto Medeiros Fernandes	99
14) Selma Rodrigues Sanches	109
15) Vladimir Jorge	115
16) Wilson Guerreiro Pedra	123

INTERCÂMBIO DO BEM

Amigo Leitor.
É com muita satisfação que te entregamos este livro.

- * -

Temos aqui nestas páginas despreten-
siosas um correio entre corações, cujo amor ven-
ceu o espaço e a morte.

- * -

Os companheiros libertos das expe-
riências na vida física, atendendo às indagações
e lágrimas dos entes queridos que lhes ficaram
à retaguarda, na Terra, encontraram os recur-
sos precisos, nos canais da mediunidade, a fim
de lhes trazerem notícias que formam, em si, o
presente volume.

- * -

Vemos aqui a dor humana adquirindo entendimento e consolação no templo da esperança que a fé sustenta e ilumina.

- * -

Das notas e relatos aqui reunidos, transparecem cânticos de reencontro e de alegria, que nos alcançam os recessos da alma.

- * -

E agradecendo à Divina Providência que nos faculta o contentamento de reverenciar a Imortalidade, neste livro de paz e amor, eis que te transmitimos semelhante dádiva, rogando a Jesus, nosso Mestre e Senhor, nos inspire e nos abençoe no intercâmbio do Bem.

EMMANUEL

Uberaba, 27 de agosto de 1986



ANDRÉ MAX GRAESER

23.NOVEMBRO.1971 - 03.JULHO.1979

“Sabemos que a nossa separação é temporária; que o trabalho e o amor ao próximo nos mantêm unidos e, temos a convicção que não perdemos o filho tão amado, porque agora, ele está cada vez mais perto de nossos corações.

Ganhamos uma estrela no céu que, com o seu brilho, ajuda-nos a enxergar melhor quanto Deus é bom, e quanto Ele nos ama.

Deus lhe abençoe sempre, Chico querido, e que todas as lágrimas que você, através do seu trabalho, enxuga, transformem-se em bênçãos e pontos de luz no seu coração tão amado.”

(WILLY E FÁTIMA)

André Max Graeser, Keko, nasceu e desencarnou em São Paulo. Formava, com os pais Willy e D. Nelcy Fátima Graeser, os irmãos Willy Jr. e Ana Paula, a família que tanta alegria e sustentação lhe proporcionou.

Aluno do Colégio Campo Salles, cursava a 2ª série, quando nos deixou, rumo da Vida Maior.

Querida Mãezinha Nelcy e querido pai Willy, estamos juntos.

Creio que não precisamos de nenhum ritual para nos reconhecermos à vontade neste reencontro.

Papai Willy, o seu espírito prático me entende. Não era possível ficar morando num corpo atormentado de dores e agulhas.

Você, pai, e a querida Mãezinha Nelcy reconhecerão que já havia peregrinado bastante em leitos de hospitais. Sei que no calendário, os meus dias de tratamento não foram muitos, no entanto, para quem é doente em tratamento intensivo, qual me vi, cercado de papeletas e instruções, com o aumento das dores em horários certos e com o receio permanente de novas fincadas, o tempo é longo demais.

Peço para que se alegrem e considerem natural a minha libertação daquele pequeno monte de sofrimentos físicos.

Vocês possuem o Júnior e a Ana Paula, aguardando atenção e carinho e não posso furtar-lhes o amor que me cabe dividir com os irmãos queridos.

Papai e mamãe, eu lia o meu estado de saúde nos olhares que me endereçavam e compreendi que a transferência de um hospital para outro não me encorajava e nem me proporcionava qualquer otimismo.

Conheci a dedicação dos médicos amigos, e se os meus primeiros protetores, no que se refere a tratamento, me remetiam para outro lugar, isso me pareceu um sinal vermelho no caminho.

Ainda assim, acomodei-me à situação e procurava não estar chorão e nem fracolejo nos instantes em que, por dentro de mim, suava frio.

No dia dois, senti que uma neblina me embaraçava os olhos. Queria ver as pessoas em derredor ou fixar os detalhes do quarto, mas aquela névoa parecia aumentar.

Aquilo demorou até dia três, quando, num dado momento, vi um homem de rosto simpático, a remover aquela fumaça branca e sorrir-me. Perguntei sem poder articular qualquer palavra quem era ele e escutei claramente o que ele me dizia:

- Então, Keko, você não conhece o seu avô Emílio?¹ Pois é. Fique sabendo que para nós já chega desse negócio de agulhas agarrando a sua pele. Vamos embora. Você tem outra casa e terá as melhoras precisas para alegrar aos seus pais!

1 - Emílio Graeser - avô, desencarnado em 29.06.1973

Aquele rosto era assim convidativo e eu sofria tanto que aceitei os braços dele sem pensar. Ele me carregou, auxiliando-me a deitar a cabeça em seus ombros e tive a impressão de que ele me arrebatara a uma grande porção de panos que, naquela hora, me pareceram transmissores de doença e de aflição, porque nos braços do avô descansei, à feição de um pássaro que voara por muito tempo, com sede e fome de repouso sem achar um ninho que me pudesse resguardar.

No regaço quente de carinho daquele homem que me declarava ser meu avô, repousei e peguei num sono que respondia em cansaço.

Quando despertei, não somente ele me assistia, mas uma senhora ao meu lado mostrou-me o interesse maternal de quem se propunha a cuidar de mim.

Perguntei por todos de casa, mas o avô Emílio me esclareceu com brandura, ensinando-me que devia receber a mudança com naturalidade.

Confesso, aos pais queridos, que, de momento, quis chorar, entendendo que faceava um problema grave, mas a recordação do corpo enfermo era forte demais para que eu quisesse voltar ao que já fora.

Vovô Emílio e a senhora que passou a me proteger e que me solicitou chamá-la por vo-

vó Maria das Dores², me renovavam a cabeça, dia por dia.

E agora com três anos e seis dias de suposta ausência, acredito possuir bastante entendimento para rogar-lhes paz e calma.

Tudo passou e estamos bem. Agora é trabalharmos para merecer um futuro feliz.

Papai e Mamãe Nelcy, existem tantos kekos por aí, tão tristes e tão desvalidos. Lembre-me neles. Esses meninos sem pouso são também nossos. Em Willy Filho e em Ana Paula estão representados e nos chamam à família maior.

Pai querido e querida Mãezinha, devo agora atender ao ponto final. É final mas não é finalíssimo, porque os pensamentos também conversam e estaremos unidos por nossos pensamentos entrelaçados.

O vovô Emílio deixa-lhes um abraço e envio lembranças para os irmãos inesquecíveis.

Para vocês dois, Papai Willy e Mamãe Nelcy, todo o amor com as muitas saudades do filho que continua a pertencer-lhes com todo o coração.

Keko
ANDRÉ MAX GRAESER
09.JULHO.1982

2. Maria das Dores de Oliveira - bisavó, desencarnada em 1972.



CLÁUDIA CUNHA

29.AGOSTO.1966 - 12.JULHO.1983

Cláudia nasceu em Uberlândia (MG), porém, passou a maior parte de sua vida na capital paulista, em companhia da mãezinha Marta e da avó Carlita.

Seu pai, José Vicente, desencarnara em 1970. Alegre, comunicativa, trabalhava como recepcionista em um escritório de engenharia, e, à noite, cursava a 7ª série ginásial.

Assim se refere D. Marta, sobre a mensagem recebida:

“Apesar de ter uma criação espírita, fiquei muito chocada com o acontecimento. Com o auxílio de D. Yolanda Cezar, fui a Uberaba entrevistar-me com Chico Xavier.

Eram 40 pessoas, com os mais variados problemas, e, destas, somente quatro foram agraciadas com mensagens.

Fiquei muito feliz e conformada, pois, foi um bálsamo para o meu coração. Veio comprovar o que meu íntimo dizia: A Cláudia fora bem recebida, estava bem e em breve orientar-me-ia nas minhas tarefas, aqui na Terra.”

Mãezinha Marta, abençoe-me. Não permita que as lágrimas continuem a lhe sulcar o rosto. Estou bem.

Saudades não faltam, a Mãezinha e a Vovó Carlita sempre foram os meus dois amores. E não poderia sofrer a lesão da distância sem lutar comigo mesma, a fim de não esmorecer.

Mãezinha, a visita da provação final do corpo físico chegou a mim quando fitava a relva, meditando na bênção da esperança. A máquina me colheu de súbito, sem que eu pudesse raciocinar. Por minutos, ainda consegui elevar ao Pai Misericordioso as minhas preces de ansiedade, nas quais você e a vovó eram minhas estrelas. O que me acontecia?

Ignorava se me afastava de vocês duas, as abençoadas âncoras que me seguravam na Terra, ou se eram vocês que se distanciavam de mim. Sem capacidade para articular novos pensamentos, rendi-me ao torpor que me apagou a memória temporariamente.

Despertei sob a proteção do papai Vicente e de minha querida bisavó¹ que me acolheram, qual se eu lhes fosse uma criança.

Esclareceram-me que a idéia da morte me povoava freqüentemente o cérebro, porque eu sabia intuitivamente que a minha permanência no mundo físico era um estágio de complementação de trabalho, que eu deixara na retaguarda e precisava vencer.

Mamãe, não chore mais, pensando que eu esteja relegada à dificuldade ou ao desamparo. A assistência dos entes amados não me faltou em momento algum.

Agradeço as preces e as vibrações de amor que me dedicam. Essas duas lembranças nos alimentam o espírito e nos renovam a força para a continuidade de nossa busca do melhor de nós mesmas.

Peços-lhes. A ninguém culpem pelo atropelamento; todas as sombras passam e as recordações dolorosas das ocorrências que me cercaram a vinda para a Vida Espiritual já se desfizeram na luz de nossas orações.

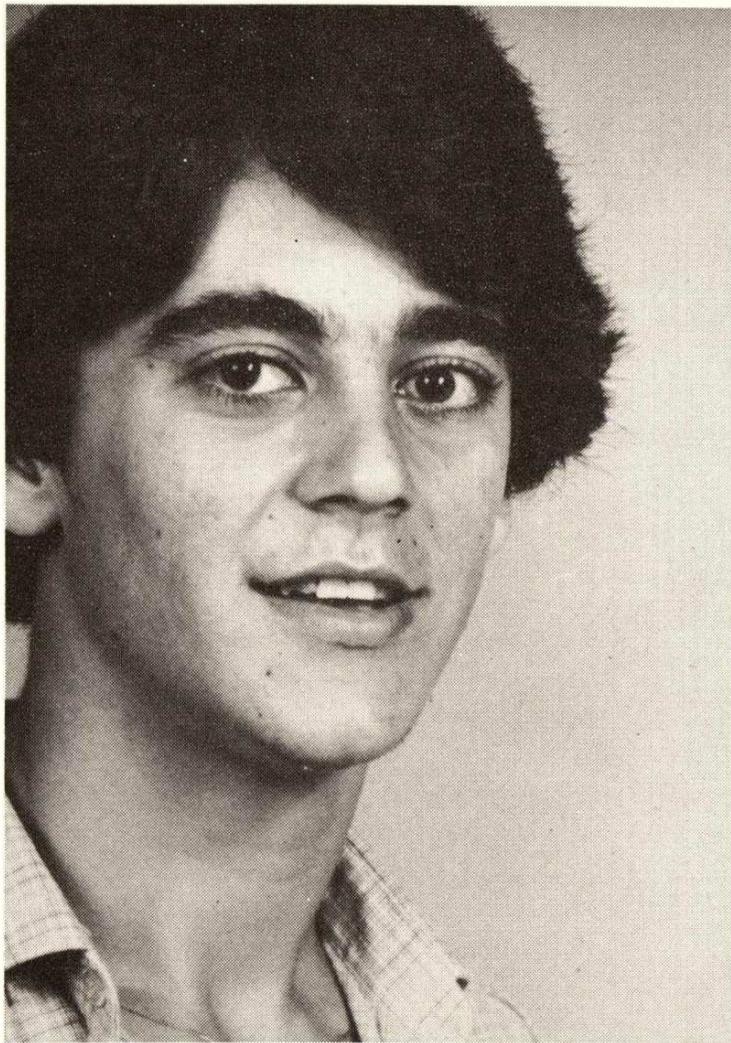
Estou ainda na posição da discípula iniciante no conhecimento da Espiritualidade, mas logo possa obter recursos para ser útil, creia, Mãezinha Marta, que estarei ao seu lado para colaborar consigo em todos os afazeres, nos

1 - Bisavó Maria - desencarnada há mais de 70 anos.

quais a minha presença ou a minha influência se
lhe façam proveitosas.

Abrace a vovó Carlita por mim e rece-
ba o beijo de muito carinho e de muita gratidão
de sua filha do coração, sempre mais sua filha,
por ser sempre a sua,

Cláudia
CLÁUDIA CUNHA
10.DEZEMBRO.1984



DINO DE CARO (Dunga)
18.JUNHO.1963 - 15.MAIO.1983

Dunga, 2º anista de Educação Física da U.M.C. - Universidade de Mogi das Cruzes, completava com os pais Dino Miguel de Caro e Neusa Jacintho de Caro, os 5 irmãos, José, Waldomiro, Maria, Fábio, Álvaro e a cunhada Aida (esposa de José), o círculo familiar com sólidas ligações afetivas.

Filho carinhoso, extremamente apegado à família e aos amigos, traz em sua mensagem a prova inequívoca da Vida Espiritual.

Nasceu e desencarnou na Capital Paulista. Sua mensagem trouxe, conforme depoimento de D. Neusa, muita tranquilidade, pois sentem todos que o Dunga está vivo e junto da família.

Querida mãezinha, estou a uni-la com meu pai em meu pedido de bênção.

Tenho estado inquieto e, só por isso, insisti com a vovó Maria Jacinto¹ para que me obtivesse a permissão para escrever-lhes alguma notícia neste encontro.

Estou, naturalmente, em dificuldades para vencer a timidez à frente de tantos amigos que desconheço e que, entretanto, me assessoram e me estimulam a escrita com o lago de pensamentos tranquilos, a cuja beira me sinto garatujando esta carta que não sei de que modo me sairá do lápis inseguro.

Tomo estas expressões para definir o ambiente de que me sirvo, porque todas estas pessoas amigas, inclinadas quase em sua totalidade para mim, emitem forças mentais que me deram a idéia de um lago sereno, conforme estou pensando.

1 - D. Maria Jacinto Baptista - bisavó materna, desencarnada em 1935.

Mãezinha, estou preocupado com o nosso Fábio², porque o irmão não me retira da idéia, mantendo-me a imagem no cérebro dele, qual me enxergou na queda de que não consegui escapar da moto do nosso amigo Marcos Júlio³.

O nosso Fábio se aflige demasiadamente, a ponto de me alcançar com as suas explosões de mágoa e tristeza que não consigo compreender.

O Marcos tem sofrido muito e peço aos pais queridos me auxiliarem a vê-lo contente e renovado.

Seguíamos despreocupados pela Dutra, quando a máquina saltou um obstáculo com o qual não contávamos e o resultado foi o desequilíbrio na chepa de que me aproveitava.

Se as Leis de Deus me marcaram a volta à Vida Espiritual, utilizando-se daquele momento de alegre excursão, isso não é motivo para que o nosso querido Fábio se melindre e se irrite, perdendo a esportiva que sempre foi a nossa marca, quando juntos sabíamos desfrutar o contentamento desse ou daquele passeio em companhia de amigos.

Aliás, a moto não teve culpa, o Marcos não tem qualquer traço de responsabilidade em

2 - Fábio de Caro - irmão mais novo; viajava com o grupo de amigos, juntamente com Dino, para uma churrascada no município de Arujá (SP), quando ocorreu o acidente, na Rodovia Presidente Dutra.

3 - Marcos Júlio - amigo que dividia sua moto com Dino na ocasião do acidente.

minha queda e nem eu mesmo posso carregar qualquer complexo de culpabilidade, porque eu não tive outro jeito se não despencar da garupa e estatelar-me no chão.

Pelo choque na cabeça, percebi que a situação era grave. Sinceramente, ao sentir-me rodeado de gente, embora no corpo inerte ou imóvel, segundo acredito, experimentei o desejo enorme de voltar para casa, mas era tarde para isso.

Senti-me tonto, a me apagar devagarinho e nada mais vi, senão que um sono ao peso de toneladas me caía sobre o pensamento, com o que perdi a noção de mim próprio.

Hoje, pergunto a mim mesmo se a morte para todas as pessoas que atravessam o paralelo do silêncio será esse torpor que não nos dá qualquer chance para entender o que se faz de nós em tal momento, mas semelhante indagação fica para depois.

Quando acordei, ignorando, como ignoro até hoje, o tempo em que estive à matroca, por dentro de minhas próprias idéias, percebi que alguém me auxiliava.

A medida que me conscientizava mais, enternecido e grato me reconhecia com tantos cuidados em meu favor.

Respondendo às minhas perguntas, quando consegui conversar, a senhora que me estendia proteção me convidou a chamá-la por

vovó Maria Jacinto e aqui rendo a ela, que, aliás, me acompanha, as homenagens do meu reconhecimento.

Agora, querida mamãe, suponho que já escrevi o bastante para que me vejam tranqüilo.

O Fábio e os irmãos, tanto quanto o Marcos Júlio, estão em minha lembrança, mas, peço aos benfeitores de meu novo pouso auxiliarem a todos para que se mantenham de cérebro acomodado na certeza de que estou vivo, em outras condições de existência.

Penso, porém, que isso não é novidade, porque nascendo no mundo físico, sempre me vi entregue aos pais queridos para viver e aprender com a vida sem formular perguntas estéreis.

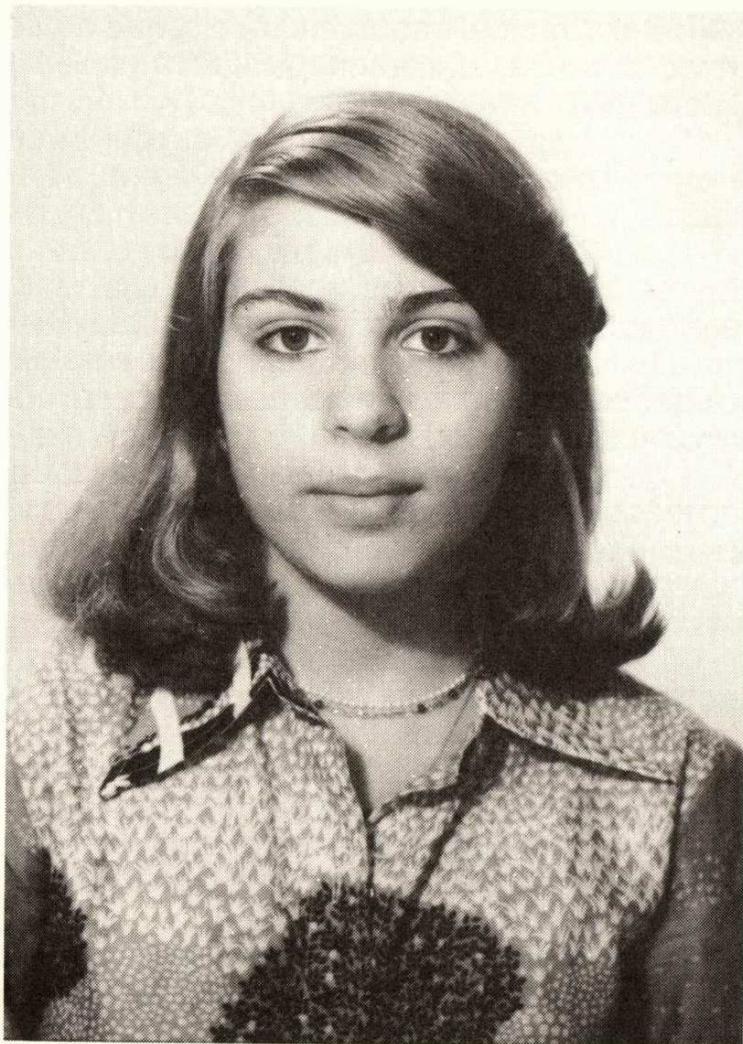
Desejo a todos muita saúde e paz, com lembranças ao José, ao Valdomiro, ao Alvaro, à irmãzinha e a todos os nossos.

Pais queridos, as saudades são muitas, mas não posso esmorecer.

É preciso seguir para frente e ser o amigo corajoso e firme na fé em Deus que preciso ser.

Reunindo os dois em meu coração, sou hoje como sempre, o filho reconhecido.

Dino
DINO DE CARO
09.SETEMBRO.83



ERIKA DOS SANTOS SOARES
10.DEZEMBRO.1963 - 10.AGOSTO.1979

Filha de Domingos Soares e de D. Eliza Aparecida dos Santos Soares, Erika nasceu em São Paulo (SP), vindo a desencarnar em consequência de acidente de trânsito, na cidade de Assunção-Paraguai.

Em sua bela mensagem, Erika fala do único irmão, Ângelo dos Santos Soares que, também, se encontrava no veículo acidentado, juntamente com o namorado de nossa jovem princesa, Luiz Marin, residente na capital paraguaia.

Meiga, afável, muito alegre, amorosa, enfim, rica dos predicados que exornam as nobres almas, Erika cursava o segundo colegial no Colégio Claretiano, em São Paulo.

Sua desencarnação, imprevista do ponto de vista médico, ocorreu dias depois do acidente, aliás, de pequenas proporções, quando se encontrava ainda hospitalizada.

Em carta que remetera tempos antes ao namorado, Erika lhe diz que iria em julho para Assunção e aí ficaria até o dia 10 de agosto - afirmação curiosa, já que no início do mês as aulas do semestre se reiniciariam, de modo que não havia lógica aparente na afirmação de nossa jovem, pois, no fim de julho deveria estar retornando a São Paulo.

Contudo, em virtude do acidente, ocorrido a 28 de julho, Erika realmente permaneceu em Assunção até o dia 10 de agosto, conforme afirmara na carta ao namorado...

Cópia desta carta, temo-la conosco, atestando de modo claro que realmente Erika já se despedia de nosso plano físico, preparando-se para a Grande Viagem, de retorno ao Plano Espiritual.

Católicos de formação, D. Eliza nos conta que ao chegar a Uberaba, em busca de lenitivo para as dores da saudade, encontrou-se com Chico Xavier, devido a feliz coincidência e, tão-logo o cumprimentou, o Chico lhe falou que ao seu lado se achava uma jovem loira, de olhos verdes, com os cabelos caídos sobre a testa - descrição fidelíssima da Erika; disse mais, que D. Eliza tinha a proteção espiritual de uma senhora chamada Maria dos Anjos, mais tarde identificada como bisavó do Sr. Domingos. No dia seguinte a esse encontro singular, Erika escreveu, pelas mãos do Chico, a carta que a seguir apresentamos.

Sobre o encontro com o Chico e sobre a mensagem, assim se expressou D. Eliza:

"Voltamos de Uberaba mais confortados, a mensagem mostrou-nos um novo caminho; passei a dedicar-me às crianças carentes. As palavras de Erika pelo Chico diminuíram-nos a amargura."

Querida Mãezinha Elisa, sou eu mesma. Não podia ser de outro modo. Nunca acreditei que alguma força nos separasse e, por isso mesmo, procurei aceitar com paciência e coragem toda aquela preparação para o 10 de agosto que se me fixara no pensamento.

Não compreendo ainda por que, mas nos dias últimos quando ensaiava a viagem com tanta alegria, uma idéia de mudança me grilava os pensamentos.

Seu coração me perdoará se falo assim, mas o que digo era verdade sem que eu entendesse o que se passava.

Meu avô Ângelo e meu tio Manoel¹, que presentemente me esclarecem sobre tantos assuntos, me afirmam que eu trazia a intuição de que o tempo me seria muito estreito.

A realidade é que ao chegar em Assunção, meu contentamento parecia uma flor muito grande guardando um pequenino inseto,

¹ - Ângelo Godói, falecido há muitos anos. Manoel Gonçalves Soares, irmão do Sr. Domingos desencarnara em 1951. Nas últimas horas que precederam sua desencarnação, a Erika falou muito deste tio com o pai.

por dentro. O inseto era a previsão do fim de meus dias na existência do mundo...

A satisfação de rever o Luís² e outras afeições não me completava a alegria de todo... O resto, o papai e o seu coração já sabem. Foi o acidente à distância de casa, incomodando-a com meu pai Domingos de maneira bárbara...

Perdoem-me!

Os meus sentidos se apagaram muito pouco a pouco...

Queria agarrar-me à vida e prestigiar a coleção das providências que me procuravam o reajuste, mas passei a ver o tio Manoel que muito vagarosamente me implantou no coração o propósito de obedecer às Forças Divinas que nos trazem ao berço e depois nos conduzem à morte...

Tentava fixar a atenção nas pessoas e nos objetos acreditando que isso me seguraria no corpo cansado; no entanto, de permeio, as sugestões do tio Manoel iam vencendo...

E venceram.

Graças a Deus, o Ângelo e o Luís escaparam de qualquer lesão. É que eles, mãezinha, deveriam ficar.

Estou quase conformada se não fosse a falta de meu pai, do seu carinho e de nossa casa. Mas a gente vai se virando e penso com o seu

2 - O namorado Luís Marin.

apoio, afastarei de mim mesma esta disposição a bronzear sem sentido e sem necessidade.

Mãezinha Elisa, peço-lhe despachar a tristeza para longe de nós. Sua filha quer vê-la contente e animada para o trabalho e para a vida.

Rogo ao seu carinho não conversar chorando com os meus pobres retratos. Se os seus olhos pousarem com firmeza nos meus, observará que estou firme, quase numa boa, curtindo novidades e mudanças para melhor. A saudade é que atrapalha, mas havemos de pulverizar essa nuvem para que desapareça. Para isso conto com o seu auxílio.

Conte ao Luís que estou vivendo de outro modo. Que ninguém me suponha capaz de botar banca de espírito perseguidor; não faria isso³. Tenho todos os nossos no meu respeito e nos meus melhores sentimentos.

Peço ao Ângelo lembrar-me na alegria que é sempre nossa. Nada de me localizar em corpo machucado e em gemidos que saíram por engano de minha boca. Preciso daquele astral positivo que o seu bom ânimo sempre me ensinou a sustentar.

Mamãe Elisa, se chorarmos, isso será de ora em diante de reconhecimento a Deus por toda a felicidade de que recebemos. Sei que as

3- Alusão ao sentimento de culpa do namorado que dirigia o veículo acidentado.

suas atenções se voltaram para a fé! Pois isso me reconforta.

Meu avô Ângelo e a bisavó querida dizem-me que as suas mãos vão acariciar as Erikas sem o conforto que sempre tive; o seu amor e o meu amor estarão entrelaçados para o auxílio às crianças desvalidas que são tantas. Creia, mãezinha, que eu não sabia que eram tantas...

Ao mesmo tempo que o seu desgosto buscou remédio nas cousas da religião, eu fiz o mesmo, na ânsia de reencontrá-los...

Foi aí que ao pesquisar tantos caminhos para achar o melhor, tomei o seu e empata-mos. Fiquei agradecida a Deus, porque nesse reencontro em que eu abraçava a sua mente fatigada sem que os seus olhos me enxergassem, notei a criança que vagueia, quase sem ninguém.

Mamãe, façamos o trato de trabalhar muito, sobretudo com as nossas próprias mãos, costurando agasalhos ou com a nossa voz dialogando com tanta gente miúda que se vê sem apoio.

Isso, por enquanto, é o nosso melhor esquema. Deus nos auxiliará. Sei que meu pai e meu irmão estarão contentes conosco.

Não posso escrever muito, vou parar porque o tempo que me deram já está esgotado.

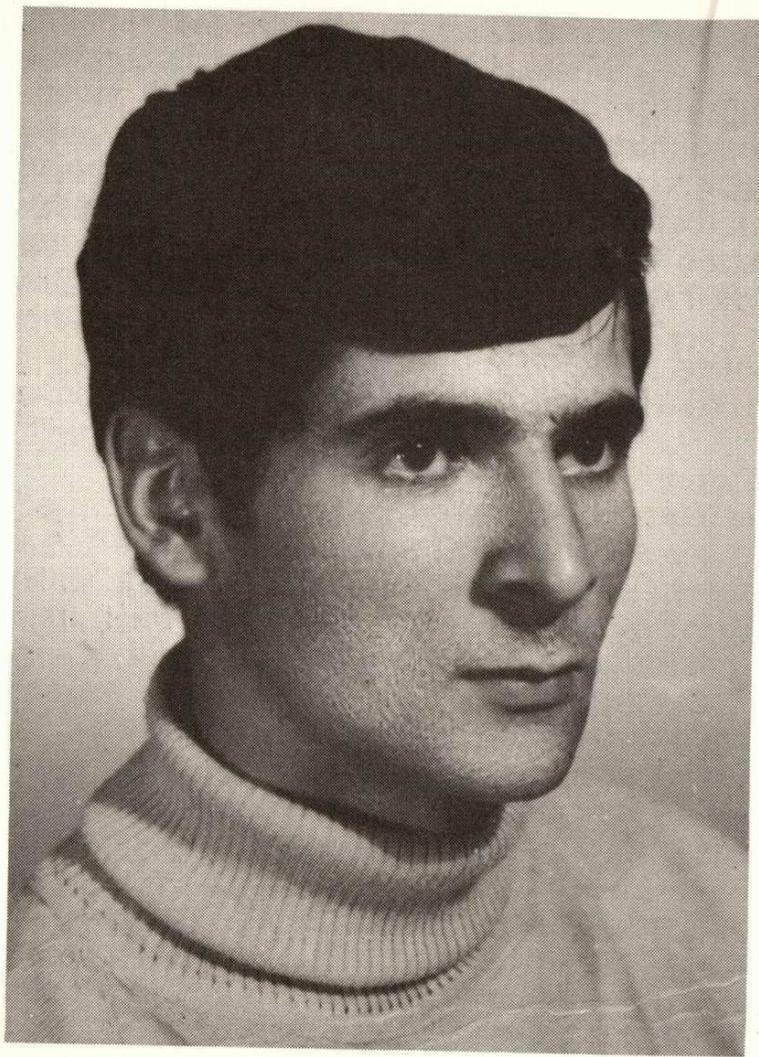
O vovô Ângelo está me auxiliando pa-

ra que eu possa escrever com a possível rapidez.

Muitas lembranças para o Luís e para Ingrid⁴, sem me esquecer de quantos vivem constantemente em nossa estima.

Agora, meu abraço ao papai e ao irmão, com muitos beijos em seu maravilhoso coração e em sua querida face, da sua filha, sempre a sua

Erika
ERIKA DOS SANTOS SOARES
06.JUNHO.1980



FLÁVIO LUIZ MAZETTI
06.SETEMBRO.1947 - 26.MAIO.1982

Nasceu em Olímpia, interior de São Paulo, e desencarnou na Capital do Estado.

Muito amoroso, alegre, comunicativo, deixou inúmeros amigos, sobretudo em seu ambiente de trabalho, na Volkswagen Caminhões, em S. Bernardo do Campo.

Casou com D. Mírian Cortazzio Mazetti no dia 06 de setembro de 1979 e juntamente com ela, seu filhinho Luiz Felipe, os pais D. Cristina e Sr. Atílio e a irmã Irlane, formou aqui na Terra o núcleo familiar, de tão gratas recordações para o seu espírito generoso.

Em seu depoimento, D. Cristina relata o encontro inesperado e, com certeza, promovido pela Espiritualidade Maior, com Chico Xavier, onde o médium citou nomes de familiares desencarnados há meio século, sem que fossem mencionados pela família.

“Deus, nesta noite, mais uma vez abençoou o nosso irmão Chico, permitindo que, por seu intermédio, recolhêssemos estas inesquecíveis páginas.

A Deus e a você, Chico, a nossa eterna gratidão.”

Querido papai Atílio e querida mãe Cristina, peço-lhes me abençoem.

Aquela despedida foi rápida, mas não foi despedida e, sim, um intervalo mais longo em nossos entendimentos.

Estou bem. Aqui estou guiado pela generosidade da vovó Maria Calvo¹ que insistiu para que eu viesse lhes trazer alguma notícia.

Estamos, afinal, quase no mesmo ponto em que nos víamos nos tempos últimos. Pense em nossa Mírian, em nosso Luiz Felipe, e me emociono. Ela e o nosso filhinho poderiam estar felizes, tão felizes em nosso ambiente, mas não podemos torcer a natureza das pessoas.

Mãezinha Cristina, nós sabemos que para o seu coração querido, Mírian é uma nora-filha, mas só o tempo fará com que ela a veja, com o papai Atílio, nas condições de pais.

Compreendamos tudo isso, e tenha a certeza de que o amor não desaparece. Um dia chegará, em que todas as incompreensões ficarão extintas.

1 - Maria Calvo - bisavó, desencarnada há mais de 40 anos.

A vovó Maria Calvo me recebeu com a dedicação de verdadeira mãe e posso dizer-lhes que nada sofri, a não ser a saudade, que hoje não sei onde mais dói no coração, se aí no mundo físico ou se aqui no Mundo Espiritual.

Peço-lhes permissão, para explicar-lhes que o meu problema orgânico evoluiu rapidamente para o fim do corpo, de vez que o coração não correspondia ao meu bom humor.

Reconheço que os médicos amigos tudo fizeram para me reanimar. Massagens e fincadas de agulhas portadoras de medicamentos necessários não me faltaram.

Mas quando o motor falha, de pouco vale a carroceria, mesmo de luxo, e no meu caso o motor demonstrou pouca resistência e a viagem foi interrompida.

Esclareço isso para que não se sintam pesarosos com ninguém. Voltei no meu tempo de voltar, conquanto, quisesse tanto me demorar em família, para tudo harmonizar em auxílio de nossa paz.

Os desígnios da Lei de Deus não me aprovaram os desejos, decerto, para meu próprio benefício, e aqui estou com o propósito de tranqüilizá-los.

O vovô Atílio² tem sido para mim um devotado companheiro e, acreditem os pais que-

2. Atílio Mazetti - bisavô, desencarnado há cerca de 50 anos.

ridos, que o tempo de curtirmos o Luiz Felipe chegará para nós.

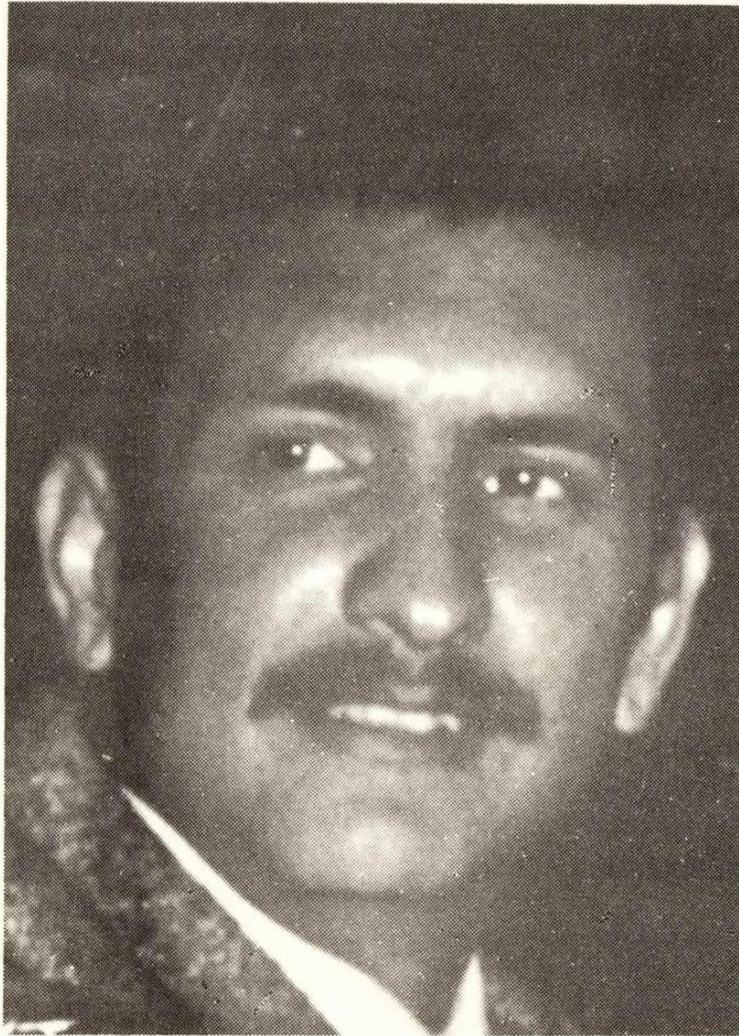
Sei com quanto amor aguardaram o neto, que não chegam a ver com a frequência desejável, e, por isso, ergo as minhas preces ao Senhor da Vida, pedindo amparo e bênção para cada um de nós.

Muitas lembranças a todos, sem me esquecer de nossa querida Irlane. Não escrevo mais porque a vovó Maria Calvo me lembra o horário e as conveniências dos amigos aqui reunidos.

Por estas razões e porque já tenha dito o necessário, rogo à mãezinha Cristina e ao papai Atílio receberem o imenso amor e o constante reconhecimento do filho, sempre mais reconhecido,

FLÁVIO LUIZ

20.NOVEMBRO.1982



HELÁDIO CARVALHO NUNES

05. JUNHO.1957 - 03. FEVEREIRO.1982

“A carta mediúnica que recebemos do nosso querido filho Heládio foi a coisa mais linda que nos aconteceu. Veio trazer um novo renascer para nossas vidas. Foi um lenitivo, uma mensagem muito profunda.

Agradeço ao nosso querido Chico Xavier que nos trouxe de novo o sorriso e a vontade de viver.”

MARINA CARVALHO NUNES

O jovem Heládio nasceu e desencarnou em São Paulo.

Formou com D. Marina e Sr. Heládio Almeida Nunes, seus pais, Vera Lúcia e Marina, suas irmãs, Rui Jesus Pardini e Marcos Paes, seus cunhados, e mais três sobrinhos, a sua família, aqui na Terra.

Querido entre os amigos, amado entre os familiares, assim foi Heládio.

Agora, livre dos empecilhos da vestimenta física, projeta-se na Espiritualidade, rumo do aprimoramento por que os grandes espíritos tanto anseiam.

Querida mãezinha Marina e querido papai Heládio, peço-lhes que me abençoem.

Agradeço-lhes a bondade e a bondade da querida irmã Vera Lúcia, buscando notícias minhas. Estou melhorando.

A minha convalescença tem sido demorada, mas prossegue segura.

Não suponham que estivesse enganado, quando a moléstia se agigantou, atingindo-me até a cabeça. Nos dois dias últimos de meu abatimento, aceitei a idéia da morte, como sendo o único remédio que me poderia suprimir o quadro de sofrimento, no qual me achava gradeado, à maneira de um encarcerado numa gaiola de aflição.

Quando comecei a perder a noção de mim mesmo, não sei se pela doença ou se pela influência dos sedativos violentos que me aplicavam, percebi que perdera a oportunidade de qualquer comunicação com os meus familiares queridos.

Compreendi tudo e rendi graças a Deus.

Desconheço a extensão de tempo no qual estive com a impressão de que me achava por dentro de uma nuvem, uma nuvem que não me permitia coordenar pensamentos.

Onde e quando se deu a aparição de que lhes dou notícia, não sei dizer. Sei apenas que, em dado momento, a sombra se abriu, à feição de uma cortina retirada de chofre e vi o rosto de uma senhora a me sorrir e a chamar-me.

Aquele convite de uma só palavra - "Levante-se!" Ergui-me, com a idéia de que algum enfermeiro me apoiava e me vi frente a frente com a senhora que generosamente me socorria.

Com bondade, informou-me: "Sou a sua avó Maria Ilustrina"¹; então, comovidamente, entreguei-me a ela, qual menino enfermo necessitado de proteção; descansei e dormi, não sei de que modo, e acordei outro.

Aquele peso de corpo doente que quanto mais emagrecia mais me pesava, havia desaparecido...

Perdoem-me os pais queridos se digo que me senti bem; era impraticável prosseguir naquela armadura de sofrimento...

Penso agora em todos e peço a Deus conceda à querida Miriam² muita felicidade e um futuro de estrelas e flores.

1 - Maria Ilustrina - bisavó, desencarnada em 1947.

2 - Miriam - sua noiva.

Agradeço à Vera Lúcia, à Marina e ao Paes³ os pensamentos de carinho que me dirigem.

E termino aqui este escrito que me propunha a definir por simples bilhete e que ficou assim tão longo... É a saudade que não deixa a pessoa ausente falar ou escrever pouco...

Mas estou tranqüilo, conquanto a falta de casa e a ausência dos meus.

O tempo com Deus me auxiliará e espero consertar o meu campo emotivo para ser o filho amigo e útil que preciso ser.

Querida mãezinha Marina e querido papai Heládio, recebam o coração reconhecido do filho que lhes deve tudo de bom e belo que conheceu no mundo físico e prossegue sendo o filho e companheiro de sempre.

Héladio
HELÁDIO CARVALHO NUNES
25.NOVEMBRO.1983



JOSÉ TADEU BANCHI

24.NOVEMBRO.1954 - 28.AGOSTO.1971

“Como é grande o amor materno, principalmente quando este filho é sua alma gêmea...”

Assim Chico Xavier se referiu a D. Maria Aparecida, genitora deste jovem valeroso.

Estas palavras sintetizam tudo o que José Tadeu representa para a família, de sólida formação cristã, que se viu diante de situação tão difícil, com a partida do filho.

As várias mensagens que José Tadeu enviou pelas mãos de Chico Xavier vêm confirmar a grandeza espiritual deste jovem, em clara demonstração de que a evolução do espírito se processa através das sucessivas reencarnações, e que seu comportamento é reflexo da bagagem espiritual acumulada nos séculos...

Nascido em Corumbataí (SP), retornou ao Plano Espiritual, na cidade de Casa Branca (SP), onde residia e cursava o 3º colegial.

Estudante consciente, de fácil relacionamento com colegas e professores, foi diretor do Grêmio Estudantil.

Os pais, Aparecida Maria e Ângelo Banchi, os irmãos, Maria Gioconda, casada com o Dr. Paulo Komatzu, Maria Ângela e Ângelo Do-

mingos, casado com Maria Aparecida Nascimento Banchi, formam aqui na Terra, o núcleo familiar que dá a necessária sustentação afetiva ao José Tadeu que, por sua vez, da Vida Maior vela pelos entes queridos.

Querida mamãe, como sempre aconteceu, peço a sua bênção e seu sorriso para mim.

Ficaria contente se pudesse escrever, traduzindo felicidade; no entanto, estamos assim como quem se comunica, através de obstáculos em que, a meu ver, só o pensamento e a palavra são meus.

Não sei explicar o que se passa. Não cheguei a estudar ou pensar em nada disso. Ainda assim, querida mamãe, ouvi suas rogativas em nosso quarto da Rua Ipiranga, escutei seus pedidos, à frente de minhas lembranças e, se pudesse, teria aparecido positivamente diante de seus olhos, não só para beijá-la com as minhas lágrimas de gratidão e carinho, mas também para rogar ao seu coração para não fazer intimações a Deus.

Mesmo assim, mãezinha, creio que Deus é um Pai que nos recebe as preces sorrindo, compadecendo-se de nossas incompreensões, e especialmente para as mães, Deus terá ouvidos diferentes... Saberá envolvê-las em amor infinito, tanto quanto nossas queridas mães nos envolvem no mundo.

Lembro-me de tudo isso para pedir a sua resignação e serenidade.

Mãezinha, veja aí o Ângelo, a Gioconda, e pensemos em nossa Maria Ângela, com as preces por meu pai, que repito hoje com todo o meu coração. Com todo o meu coração, peço igualmente a Jesus por seu fortalecimento.

Vovó Gioconda¹ me trouxe para dizer-lhe que viva, que é impossível a senhora esquecer tantas bênçãos para fixar-se na idéia de morte. O tempo que já passou sobre aquela ocorrência triste nos veículos não me mudou ainda, porque o seu pranto, querida mãe, me prende naturalmente à nossa casa.

Não posso dizer que sou infeliz. Tantos amigos bons aqui me amparam. Meu avô Ângelo¹, o irmão Domingos¹ e tantos companheiros da família me auxiliam a esperar - a esperar por dias melhores, mas esses dias melhores estão em suas queridas mãos.

Ângelo, em Campinas, Gioconda, perto de Rio Preto, e nós ficamos mais concentrados um no outro, conquanto os cuidados pela mãezinha.

E escuto o seu coração conversando, dias inteiros, e, à noite, observo o seu esforço, querendo sonhos em que seu filho apareça.

1 - Gioconda Molinari Farina, Ângelo e Domingos Banchi, avós, desencarnados, respectivamente, em 1951, 1943 e 1957.

Mamãe, auxilie-me. Eu sei que, se a senhora soubesse de minha necessidade, seria a primeira pessoa a libertar-me. A senhora me cobriria contra o frio da solidão e me deixaria internado em qualquer educandário, onde fosse acolhido para progredir e melhorar. Tudo faria o seu carinho por mim, desde que me visse - eu sei!

Mas venho assim mesmo, sem ser notado por seus olhos queridos, para suplicar: "Mamãe, viva para nós, existe outra vida; seu filho não morreu".

Aquele carro grande - a perua - que me colheu de impacto, estragou apenas a veste que eu possuía na Terra para efeito de relacionamento.

Vinha de Vargem Grande tão despreocupado, que só pensava em futuro feliz, quando tivesse o meu lar. Mas não estava distraído. Vinha pela estrada muito consciente, e o choque havido foi como se eu estivesse num quadro de guerra...

Perdi totalmente a noção de mim mesmo e, quando acordei em outro clima, a senhora pode imaginar, sem que eu diga, tudo aquilo que sucedeu.

É tão clara a vida espiritual, que não aceitei de imediato a idéia de que já não conseguiria voltar à nossa casa. Daí para cá, surgiu a luta maior a que me refiro: seu coração a

lembrar-me e o meu coração a prender-se, mas a prender-se com a ternura da ave que agradece o calor do ninho em que se desenvolveu.

Não posso melhorar tanto quanto de-sejo, enquanto estiver a vê-la no suplicio silencioso em que ambos nos vemos.

Mãezinha, pense em Jesus. Vovó Gioconda recorda os dons da oração. Se nos voltarmos para Deus com fé verdadeira, isto é, com a certeza de que a vida não termina em ocorrência alguma, tudo será renovado.

Peço à Gioconda que nos ajude, ao mesmo tempo que envio lembranças ao nosso amigo Komatsu. A irmã é tão carinhosa, o nosso caro Ângelo é tão devotado a nós!

Mãezinha, fique tranqüila. Fortalecendo-se, eu estarei fortalecido, porque ainda agora a sua força é a força que eu tenho.

Lembro-me, sim, de seus conselhos, referindo-se ao meu "namoro assim tão cedo". Eu sei que as suas preocupações eram justas, mas não julgue que alguém tivesse culpa no acidente havido.

Mamãe, nós não sabemos esclarecer como é isso, entretanto, os fatos da vida estão encadeados, embora a Bondade de Deus altere isso com aquilo, em nosso benefício. Pense com fé, porque, pelos raciocínios, ainda me sinto fraco demais para convencer alguém. Não interpele a Deus, mamãe, perguntando por quê...

Abrace-me quando pensar em mim. Não mentalize aquela urna fechada; imagine meu rosto junto ao seu. Quero alegrar-me outra vez com a sua alegria, sentir-me abençoado com a sua bênção.

Tudo estará bem, se a senhora ficar bem.

E pensemos nos outros rapazes que precisam de mães na Terra. Mamãe, auxiliando aos outros, receberemos auxílio maior.

Desejava escrever mais, entretanto, não posso. Devo terminar esta carta com os meus agradecimentos a quantos me ajudaram a fazer-me sentir.

Querida mãezinha, peço a Deus por meu pai e coloco o meu coração em suas mãos. Olhe, mamãe, que o meu coração está envolvido nas suas lágrimas, porque as que tenho chorado de saudade e de esperança estão no seu. Abraço os irmãos queridos e beijo a sua face querida, repetindo que a senhora é e será sempre a nossa estrela.

Deus a recompense, mamãe.

Muitos beijos do seu filho, sempre seu e sempre mais reconhecido,

OSÉ TADEU
10.OUTUBRO.1975



LAUDINEI JOSÉ SOARES

28.DEZEMBRO.1960 - 16.JANEIRO.1978

LAUDEMIR JOSÉ SOARES

27.MARÇO.1957 - 16.JANEIRO.1978

“A mensagem trouxe, para o casal, muito conforto em saber que os filhos continuam vivos...”

Assim os pais Laurentino José Soares e D. Adelaide Silveira Soares referem-se à mensagem que os filhos enviaram pelas mãos abençoadas de Chico Xavier.

Laudinei José Soares (Ney) cursava o último ano da Escola Técnica Professor Evarardo Passos, em São José dos Campos (SP).

Laudemir José Soares (Mi) cursava o 3º ano de Engenharia Eletrônica na Fundação Valeparaibana de Ensino, em São José dos Campos.

Nascidos em Jacareí (SP), ambos desencarnaram em Caraguatatuba (SP), na praia Martin de Sá.

Querida mãezinha Lola e querido papai Laurentino.

Um bilhete. É tudo o que o Mi e eu mesmo pedimos ao amigo Dr. Bezerra para que nos permitisse escrever-lhes, tão-só para confirmar-lhes que continuamos agradecidos e felizes com os pais carinhosos aos quais a Divina Providência nos entregou.

A ocorrência de dois anos passados devia comparecer em nossas experiências. A nossa admirável Maria José¹, avó e mãe, amiga e benfeitora nos esclareceu que nessas horas difíceis da criatura na Terra, o passado conversa conosco. Esperamos que ambos continuem atentos para a nossa fé renovadora.

A nossa querida Anitinha² está em nossa casa a substituir-nos, e nós, sem nos afastarmos, somos sempre os filhos que os acompanham no espaço e no tempo.

1 - Maria José Soares - tia dos jovens, desencarnada em 1950.

2 - Anita José Soares - irmã caçula, nascida em 10.01.1978, poucos dias antes do regresso dos irmãos à Vida Maior.

Agradecemos as preces que nos lembram constantemente e podem crer que isso é recíproco.

A verdade é que o acontecimento triste não nos separou.

Estamos firmes e seguros, de passos certos com os passos de nossos pais queridos, no encaço do progresso.

Pedimos para que se mantenham otimistas, de pensamento positivo na confiança em Deus.

Somos gratos pelas preces com que fomos favorecidos por nossos amigos.

A nossa irmã do coração, Maria Eunice, o nosso companheiro Euclides e a irmã Ivonilde muito fizeram por nós³, e rogo para que estendam a esses irmãos queridos o nosso reconhecimento.

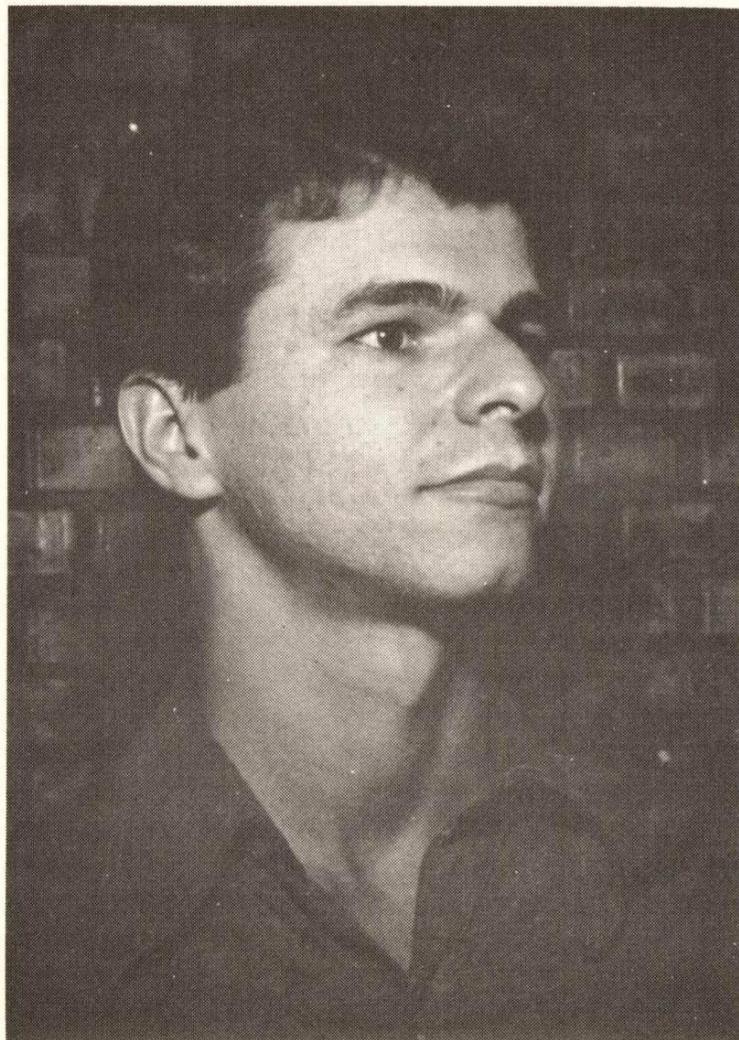
Querido papai e querida mãezinha, aqui finalizo e espero que outras oportunidades surgirão para nossos entendimentos.

Colocando a nossa Anita em nossos braços e guardando os três em nossos corações, com um beijo de respeitoso amor, na frente dos dois, o nosso Mi e eu lhes entregamos vida e co-

3 - Maria Eunice Meirelles - Colaboradora do Centro Espírita União, de São Paulo, presente na reunião em que Chico Xavier recebeu a mensagem dos jovens irmãos, Euclides Fragoso Ortega e Ivonilde da Costa Fragoso - Casal espírita, residente em Jacareí, que acompanhou os pais dos jovens a Uberaba.

ração, no carinho total com que encerramos esta carta, que será o princípio de muitas outras.
Sempre o filho muito grato, Ney.

LAUDINEI JOSÉ SOARES
15.FEVEREIRO.1980



LINEU DE PAULA LEÃO JÚNIOR
12.JULHO.1958 - 12.JULHO.1985

“O sofrimento e o desespero não nos conduziram à revolta e à vingança. Fizemos, sim, retornarmos, humildes, à religião. E, levaram-nos a Chico Xavier.

A humildade, a brandura, a honestidade transparente, a alegria na dor, a resignação no sofrimento do grande médium trouxeram às nossas almas os primeiros lenitivos. Nossas mentes começaram a sair do tumulto em que se encontravam.

A simples presença de Chico Xavier tranqüiliza; ela como que harmoniza as mentes presentes em pensamentos de fraternidade e amor: expulsa do ambiente, como em passe de mágica, os pensamentos mesquinhos ou falsos.”

Estas palavras sintetizam o que a Doutrina Espírita, através do seu Representante Maior, aqui na terra, significou para a família deste jovem engenheiro, que em tão pouco tempo de readaptação no Plano Espiritual envia uma mensagem que mostra, inequivocamente, que a evolução do espírito se faz ao longo dos séculos, pelo processo reencarnatório.

Júnior nasceu em Ituverava (SP). Fez seus estudos básicos na Capital, formando-se, posteriormente, em Engenharia Civil.

Em carta de 15 de outubro de 1985, dirigida à Câmara Municipal de Ituverava, em agradecimento à homenagem que fora prestada à sua memória, seus pais definem o seu perfil:

“Modesto e humilde a não mais poder; jovial, honesto e sincero, simboliza sempre a alma reta do povo ituveravense, ao qual, sempre proclamava, com alto e bom som, tinha a satisfação de pertencer. Filho boníssimo e carinhoso, tinha sempre nos lábios o sorriso franco e uma palavra de amizade aos que dele se acercavam.”

Em sua biblioteca, seus pais encontraram inúmeras obras espíritas, dentre as quais “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, de Allan Kardec. Souberam ainda que Júnior, quando em Ituverava, freqüentava, em companhia de sua namorada, o Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, do qual o avô Aristides de Paula Leão fora presidente.

Desencarnou ao completar 27 anos, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde residia com os pais, Dr. Lineu de Paula Leão e D. Elza Telles Faleiros Leão. Teve uma única irmã, Sandra Maria Leão Fernandes, casada com o Dr. Saturnino Fernandes.

Querida mãezinha Elza e querido papai Lineu.

Agradeço-lhes a presença confortadora e tentarei alinhar algumas notícias minhas.

Naquele dia 12, as horas amanheceram com a fisionomia de festa¹.

Notava a mãezinha Elza preocupada com a mesa que nos ofereceria naquela marca de vinte e sete anos.

Não sei se estou enfileirando dados exatos, porque estou em convalescença e recuperação.

Quero dizer-lhes, porém, que em mim tudo respirava vigor e tranqüilidade, sempre escudado na dedicação dos pais queridos.

Dispus-me a sair pela manhã de sol alto. Certamente o papai Lineu viria da fazenda ao nosso encontro². Pensei que deveria necessitar de algum dinheiro, trocando alguns de meus cheques com amigos nossos.

1 - Desencarnou no dia de seu aniversário, completando 27 anos.

2 - O pai de Júnior encontrava-se, no dia do acidente, em uma de suas fazendas e deveria retornar para a festa de seu aniversário, que seria no sábado, dia 13.

As horas seguiam na matemática dos ponteiros.

Parei o carro na retaguarda de outros vários que aguardavam o sinal, quando senti que um corpo pesado em demasia prensava o meu Alfa, ao mesmo tempo que aquele impacto me atingia a cabeça com violência.

Entontecido, de repente, observei que algo de estranho me espancava a vida intracraniana e compreendi que fora vítima de ruptura de vasos importantes, sem que me fosse permitido falar.

Aquela estranha convulsão me apagava o raciocínio. Tentei recorrer à oração, entretanto, a coordenação de meus vocábulos, mesmo no pensamento, se fazia impossível.

Como se fora transportado da inconsciência ao sono, vi a mim próprio fora do meu corpo, espantando-me com a dualidade de que o choque me fazia objeto.

Naquela atmosfera de penumbra, embora soubesse que o sol claro estaria brilhando por fora de minha sonolência, avistei um homem de olhar compassivo que me estendeu as mãos, esclarecendo:

- Lineuzinho, venha conosco; seu avô Aristides³ também está à sua espera!

3 - Aristides de Paula Leão, avô. Nasceu em 1888 e desencarnou em 1976. Espírita convicto, presidiu, por mais de três décadas, o Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, em Ituverava (SP).

Tudo aquilo transcorria numa partícula mínima de tempo, quando ouvi barulho de explosão à retaguarda.

- Filho, sigamos! - falou o amigo generoso. - Não olhe para trás, porque, de agora em diante, os seus caminhos se desdobram para a frente!

Nesse mesmo instante, vi que vovô Aristides igualmente chegava e os dois entrelaçaram as mãos para que eu pudesse dispor de um abrigo para descanso.

Procurei ainda exercitar a palavra, a fim de avisar que me achava à espera de meu pai Lineu, quando um torpor irresistível me submeteu a um sono agitado que até hoje não consigo compreender.

Aquela sono era um labirinto de pesadelos, no qual observava estampados quadros vivos de minha própria existência.

Quis relutar contra o repouso, de modo a definir o que me ocorria; entretanto, o sono se fez mais profundo e perdi, de todo, a noção de mim.

Despertei num ambiente agradável em que os dois amigos pareciam aguardar-me a conscientização.

Meu avô, embora entendendo as minhas dificuldades da voz, apresentou-me o companheiro da primeira hora:

- Lineuzinho, este é o nosso Aristides

Nery⁴, de Igarapava. Ambos temos o mesmo nome.

Fiz um aceno, movimentando levemente a cabeça dolorida, na intenção de demonstrar a minha simpatia para com o desconhecido...

Nesse ponto de minhas lembranças, entrou uma senhora que se me deu a conhecer por mãe da vovó Joana e que até hoje me dispensa especial carinho⁵.

Demorei um tanto a retomar a minha capacidade vocal e perguntei a meu avô se tudo aquilo que estava me acontecendo era a morte.

Ele confirmou, trocando a expressão "morte" por desencarnação.

Reconhecendo-me transferido à força para a vida diferente que, de certo, me aguardava para novas obrigações, passei a chorar, recordando os pais queridos, a nossa Sandra Maria e a nossa Luciana, que não acreditariam naquela mudança compulsória.

Recordei Ituverava, os amigos da fazenda, além dos meus laços íntimos, e desatei o pranto que me banhou todo o rosto.

Meu avô compadeceu-se de mim e falou-me palavras de consolo e esperança, que

4 - Aristides Waldomiro Nery, nasceu em 1833 e desencarnou em 1962. Kardecista vibrante, contemporâneo de Eurípedes Barsanulfo. Foi um dos fundadores do Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, em Ituverava (SP).

5 - Etelvina Augusta Barbosa, bisavó, desencarnou em 1926.

me ficariam impressas na memória.

Depois de alguns dias, pude rever a família em Campo Grande e começava a pensar em suicídio, quando o vovô Aristides se incumbiu de erradicar tal idéia de meus pensamentos, explicando com bom humor que eu já não conseguiria destruir o meu corpo de novas expressões e, usando o melhor de mim, de que poderia dispor, deliberei aceitar a situação com a possível serenidade.

Com isso, tranqüilizei os amigos que me cercavam e pude retornar a Campo Grande, amargurando-me com a tristeza da mamãe Elza, que não conseguiria me esquecer.

Foi então, que ao ler-lhe os pensamentos, como quem senhoreia textos de páginas e páginas, vim a saber que o Instituto Médico Legal me considerava vítima de queimaduras que a nenhum corpo humano é dado resistir.

Com todo o meu respeito ao I.M.L., desejei aclarar a idéia de minha mãe sobre a intensa hemorragia interna que me expulsou do corpo.

Hoje venho confirmar isso, para arrepiar da cabeça da mãezinha e do pensamento de nossa Sandra Maria a suposta informação de que eu teria sido vítima de queimaduras cruéis.

Isso não aconteceu. Não me lembrei de queimadura alguma, de vez que não registra nenhuma.

Se o fogo dismantelou o meu carro, não me alcançou de modo algum. Mãe, peço-lhe coragem e fé em Deus.

As queimaduras mencionadas nas perícias tanto me tocaram como as chamas atingem a roupa de alguém sem ferir esse alguém.

Peço à mãezinha Elza diga minhas notícias à nossa Sandra e à nossa Luciana⁶, a companheirinha que eu tomaria, em breve, se Deus permitisse, para a condição de minha esposa e tutora espiritual, no casamento que nos reuniria as esperanças.

Agora, peço aos queridos pais serenidade e bom ânimo, com a certeza de que continuo em vida diferente, mas ligada à nossa existência comum.

Rogo ao papai Lineu conformação e paz em nosso favor, porque há muito que fazer para ele, unido a mim.

Nós ambos trabalharemos, quanto possível, para que o bem se estenda aos outros, porque na verdade sou seu filho, mas junto de outros rapazes, filhos de Deus quanto nós, que esperam quem lhes estimule o propósito de trabalhar e estudar⁷.

6 - Sandra Maria Leão Fernandes, irmã. Luciana Aparecida Rodrigues, namorada.

7 - No campo da beneficência, o pai Lineu pendia para o auxílio à infância. A genitora, Elza, optava mais pelo socorro dos idosos. Júnior, aqui, como que adivinhando o recôndito pensamento dos pais, aponta novo caminho.

Papai, a nossa vida não terminou e os nossos planos de agir para a execução do bem comum continuam comigo.

Mãezinha Elza, abençoe-me e fique tranqüila. As saudades são de nossa plantação recíproca. Lembremo-nos de que a nossa Sandra e nosso amigo Fernandes⁸, com a familhinha iniciante, precisam de nós e tenhamos paz e coragem para a travessia das renovações do momento.

Muito carinho à nossa Luciana e muitas lembranças aos nossos de Campo Grande, da Fazenda e de Ituverava.

O meu avô Aristides é de parecer que já transmiti as notícias que se faziam convenientes e que devo terminar.

É o que faço saudosamente, beijando-lhes reconhecidamente as mãos de pais queridos, lutadores fiéis e obreiros do bem, com o imensurável amor e o maior respeito do filho que lhes deve as maiores alegrias e pede a Deus conservá-los sempre e cada vez mais felizes.

LINEU DE PAULA LEÃO JÚNIOR ⁹
02.NOVEMBRO.85

8 - Dr. Saturnino Fernandes, cunhado de Júnior, esposo de D. Sandra Maria. Têm um casal de filhos pequenos.

9 - Júnior sempre, em quaisquer documentos, tinha o costume de assinar o nome por completo, qual ocorre nesta mensagem!



MARIA ELIZABETE DE OLIVEIRA
CAVALCANTE

17.ABRIL.1947 - 05.ABRIL.1981

“Depois de tantos dias de tristezas, tivemos a grande bênção de receber notícias da minha querida filha, que veio através das mensagens nos trazer muita esperança e confiança no futuro.

Hoje tenho a certeza de que ela continua viva e esta certeza me enche de alegria e coragem.

Deixo aqui o meu agradecimento, de coração, ao querido irmão Chico Xavier, que através de sua abençoada mediunidade nos proporcionou esta imensa felicidade.”

Assim se expressa D. Geny, em seu depoimento.

Maria Elizabete de Oliveira Cavalcante, Bete, carioca de nascimento, mudou-se para Belo Horizonte aos 14 anos de idade, onde viveu até a sua desencarnação.

Sua família é constituída pelos pais Geny de Oliveira Cavalcante e José Cavalcante, já desencarnado, e os irmãos, Maria de Fátima, Julio César, Caio e Tailerand.

Muito alegre, caracterizava-se pela sua liderança e nutria um amor especial às crianças, flores e animais.

Da arte, fez seu ideal de vida.

Deixou, aqui na Terra, como bem lembrou sua genitora, "muitas lembranças e uma saudade permanente em todos os seus familiares e amigos".

Querida mãezinha, abençoe-me. Estou bem. Isso confirma o que escrevi por nossa amiga¹. A princípio, os conflitos não foram pequenos. Tive de superar muitos obstáculos, para reencontrar a minha resistência.

Agora, porém, estou aqui com a vovó Oranides² para beijá-la.

Certamente, outras portas se nos abrirão ao intercâmbio como desejamos. Espere-mos por isso.

Mamãe querida, o meu tempo seria realmente curto. Às vezes, queria que o calendário nos desse dias de quarenta horas, tamanho era o volume das realizações a que deveria me consagrar, mas toda aquela sede de tempo era a vaga intuição de que não me demoraria. Mãezinha, agradeço tudo o que você me deu.

O papai³ está associado aqui, na Vida Espiritual, às minhas preces de gratidão.

1 - Refere-se a mensagens que enviou através da médium D. Dulce Goulart, do Centro Espírita Célia Xavier, em Belo Horizonte (MG).

2 - Oranides Augusta de Oliveira - avó, desencarnada em 1979.

3 - José Cavalcante, pai de Bete, desencarnado em junho de 1981.

Tudo se processa segundo as linhas da força que podemos nomear como sendo o figurino dos Desígnios de Deus. Vida curta, saúde curta, felicidade curta, sofrimento curto e, eis-me liberada, menos da saudade de sua convivência e de seu carinho.

Querida Mãezinha, aos nossos dois *oficiais militares*⁴, à Fátima e ao nosso Tailerand, muito carinho e fique com o amor e o reconhecimento constantes de sua

Bete

MARIA ELISABETE DE OLIVEIRA CAVALCANTI

15.OUTUBRO.82

4 - Referência aos irmãos, Júlio César e Caio.



MIGUEL ELIAS BARQUETE

03. OUTUBRO. 1962 - 21. JUNHO. 1980

Fato curioso aconteceu com o Sr. José Barquete, pai de Miguel. De família libanesa católica, ainda solteiro teve uma visão: teria um filho e este morreria quando fosse ou retornasse de uma festa...

Tentando mudar o destino, evitou o casamento o quanto pôde. Mesmo casando, não se animava a ter filhos.

Com o nascimento de Miguel e Maurício, o pai passou a vigiar atentamente seus passos, evitando o quanto pôde a participação nas festas. E Miguel, quando desencarnou, retornava de uma festa...

Com a partida do filho, o desespero dominou a família, motivando-os a escrever para Chico Xavier.

Assim, iniciaram as viagens a Uberaba e, no dia 30 de janeiro de 1981, sem conseguirem entrar no Centro Espírita da Prece, foram chamados, na rua, para receber a primeira de uma série de mensagens.

“A mensagem veio nos trazer novas forças, a fim de partirmos para novas lutas; veio acalmar-nos e ensinar a confiar em Deus; veio confirmar que a missão do Miguel havia terminado na Terra, e que nos restam, agora, coragem, ânimo, fé em Deus e bondade para com o próximo.”

Miguel Elias Barquete nasceu em São Paulo, tendo desencarnado, também, na capital paulista.

Primogênito de José e Irene Iracema Barquete, completava, com o irmão Maurício, sua família, aqui na Terra.

Querido papai e querida mãezinha Irene, estou aqui no meu pedido de bênçãos e desculpas.

Compreendo quanto sofreram e quantos problemas lhes impus e, por esta razão, espero que me perdoem.

Estou escrevendo com o auxílio do vô Miguel¹ que me requisitou o esforço bendito de lhes trazer alguma notícia.

Estou quase bem. Esse quase é uma longa esteira de saudades que me auxilia a passar de um mundo para outro.

Tudo se alterou tanto que desconheço a maneira de me expressar. Não é fácil criar imagens com as palavras do habitual, acerca do muito que descubro aqui, sem recursos para falar do maravilhoso em que me encontro.

Explico, no entanto, que esse maravilhoso se refere ao campo externo, porque me reconheço nas dificuldades de alguém que fosse

1 - Miguel Barquete — avô, desencarnou em Ribeirão Preto (SP), em 1950.

conduzido a uma festa, experimentando lâminas de fogo no coração, lâminas de fogo na falta que se sente, da dor do desencontro imprevisto, do pranto estancado e do sofrimento de ansiar por um regresso impraticável, para confabular com aqueles que amamos.

Acima de tudo, o que me dói é a amargura que passou a morar no íntimo de papai, que esperou tanto do filho, que foi obrigado a se despedir.

Pai querido, peço-lhe coragem. O tio Miled² veio comigo e lhe pede paciência. Vovó Maria Leopoldina² me acolheu nos braços e todos estamos a formular votos a Deus para que mamãe Irene e o senhor, com o nosso querido Maurício, estejam em paz. Não permitam que a tristeza nos ocupe a vida.

Pai querido, anote as tarefas abençoadas que estão brilhando a sua frente e, por favor, não me recorde com pessimismo e desânimo. Tudo reflorescerá em nossos caminhos.

O Maurício está aí conosco e todos contamos com a sua dedicação para recomeçarmos a idealizar de novo o futuro melhor que nos aguarda.

Mamãe querida, não julgue tenha eu sofrido com o choque. Tenho a idéia de que a morte do corpo num carro em movimento deve ser a desencarnação em *onda curta*, porque pa-

2 - Miled Barquete e Maria Leopoldina, falecidos, respectivamente, em 1980 e 1935.

ra mim tudo se resumiu a um abalo forte na cabeça. Por mais me decidisse a erguer os braços ou articular palavras, toda a tentativa resultou em fracasso, porque um torpor, de anestésicos em massa, me imobilizava de todo...

Quis estender algum socorro ao Paulo Francisco³, entretanto, o golpe que me atingiu não me proporcionou ensejo a qualquer manifestação.

Com o tempo é que despertei em outro lugar com a vovó Leopoldina e com o meu avô Miguel, a me ofertarem auxílio. Agora estou no quase bem.

As saudades se transformarão em esperanças, assim penso, e amparado pelas vibrações de amor e confiança dos pais queridos e do nosso Maurício, espero seguir para frente, colocando meus novos raciocínios na tarefa da preparação a fim de lhes ser útil.

Pai amigo, desculpe-me se saí de casa para lhe impor preocupações tamanhas... Creia que daria tudo para voltar atrás e aquietar-me em casa; no entanto, o vovô Miguel me afirma que o meu dia *de voltar* era aquele mesmo e, mais tarde, compreenderemos por que fui submetido ao constrangimento de máquinas frias e insensíveis.

Creio haver trazido as notícias possí-

3 - Paulo Francisco Androzio - amigo que desencarnou no mesmo acidente.

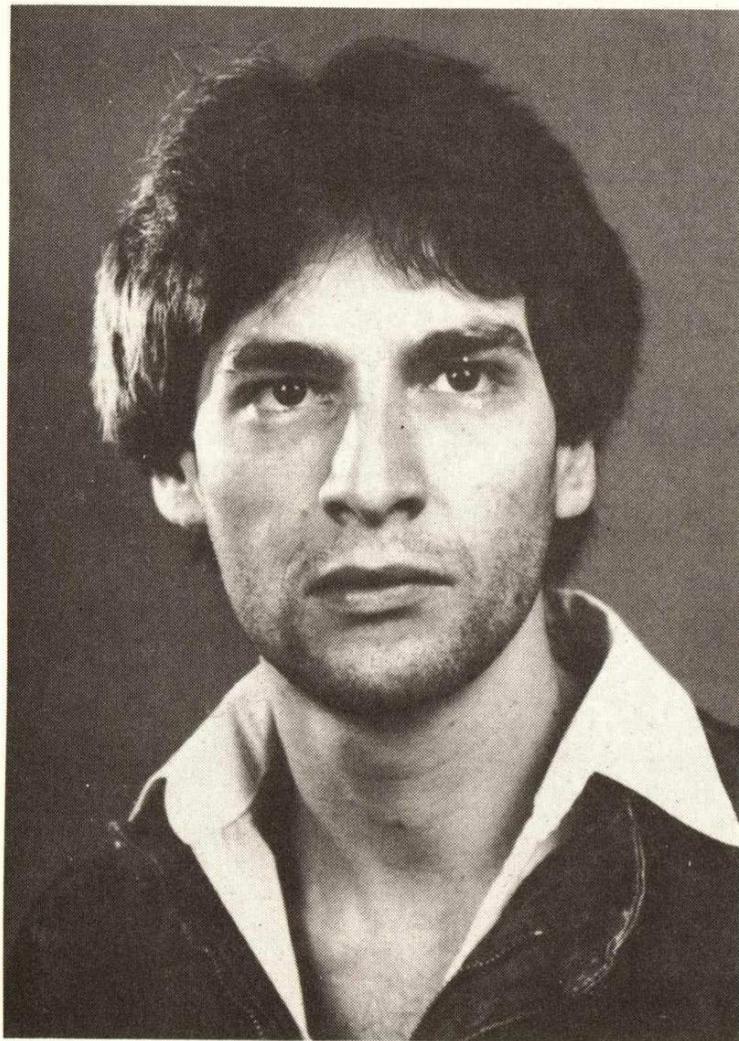
veis. O mais importante para mim é que pude falar e rogar-lhes perdão e bênção.

Querido Maurício, rogo a você substituir-me ao lado de meu pai no trabalho. Ainda ignoro como conseguirei, no entanto, alimento as esperanças de continuar cooperando espiritualmente com os pais queridos em nossas realizações.

Não disponho de mais tempo, a fim de alongar informações.

Recebam, deste modo, com o nosso Maurício e com todos os nossos, um beijão do filho saudoso e agradecido.

MIGUEL ELIAS BARQUETE
30.JANEIRO.81



OTÁVIO JOSÉ SANCHEZ

03.JUNHO.1957 - 22.ABRIL.1984

Nasceu na capital paulista e passou parte de sua adolescência em Curitiba (PR), onde, aproveitando seu dom musical, liderou um conjunto com ativa participação no meio estudantil da época.

Espírito criativo e líder nato, retornou a São Paulo, com a família, continuando seus estudos.

Ingressou no mundo do comércio, fazendo grande número de amigos e apesar de muito jovem, já liderava na Rua da Moóca os lojistas, vindo a presidir com grande sucesso, a Comissão Pró-Festejos Natalinos da Moóca, promovida pelo Clube dos Lojistas Amigos da Moóca, em 1983.

Desencarnou no dia 27 de Abril de 1984, deixando, aqui na Terra, seus pais Manoel Sanchez Filho e D. Yolanda Castiglione Sanchez; sua irmã Eneida, o cunhado Noery (Pássaro) e o sobrinho Fábio.

A família, de sólida formação espírita, encontrou na Doutrina, e em especial na mediunidade de Chico Xavier, a tão desejada paz.

“Agradecemos ao Pai Celestial ter consentido que Cristo, o Divino Mestre, enviasse à Terra o nosso amado Chico Xavier, com a incumbência de entregar mensagens de paz e

amor aos mais necessitados, entre os quais nós nos encontramos.

A mensagem que recebemos constitui, constitui e constituirá sempre um bálsamo para a nossa alma, e um consolo para o nosso coração.

Nossa gratidão ao querido irmão Chico Xavier.”

FAMÍLIA SANCHEZ

Querida Mãezinha:

Estou aqui, de pensamento voltado igualmente para meu pai Manoel, de vez que até hoje sinto a necessidade de reunir os pais queridos na mesma faixa de fé em Deus e de paz em nós mesmos.

O assunto do pobre Roberto¹ ainda é um tema para muitas de nossas conversações, em me referindo aos diálogos no lar.

Mãezinha Yolanda, tudo já foi arquivado nas prateleiras do tempo; entretanto, quero dizer-lhe que encontrei em meu avô Manoel e em minha avó Angelina² dois professores de amor e de perdão.

Confesso-lhe que, ao acordar, num corpo diferente, mas profundamente ferido, a revolta me tomou o sentimento, porque o Roberto não tinha razão para brincar comigo, a ponto de exercitar a chamada roleta russa, atirando sobre a janela do meu carro e alcançando-me as veias importantes da cabeça, e despojando-me

1 - Rapaz que o alvejou.

2 - Manoel Sanchez e Angelina Castiglione, avós, desencarnados, respectivamente em 1956 e 1981.

do corpo físico num lago de sangue, que ainda pude ver aos borbulhões, no assombro da hora extrema.

Tudo me fazia crer que me recuperaria, se conduzido imediatamente ao médico, mas um torpor estranho me dominou o corpo, a enrijecer-se e procurei na oração algum alívio, mas esse alívio apareceu com a inconsciência.

Nada mais vi nem ouvi, desconhecendo até hoje quanto tempo desprendi naquela inércia que me paralisava o cérebro, de modo que eu não conseguia pensar. Aliás, muito gradativamente comecei a imaginar-me vivo de novo e me lembrava das impressões desagradáveis que a vista sobre qualquer revólver me causava.

Dias antes do gesto infeliz do pobre companheiro, que me alvejou supondo-se numa brincadeira, havia conversado com a nossa Cláudia³, sobre os meus presságios de que um revólver ou qualquer outra arma daria fim à minha existência. A querida companheira me dissuadiu de tais idéias; entretanto, em meu íntimo registrava, de modo permanente, aquele estranho vaticínio de que a permanência no mundo para mim seria curta.

Acordando, e tomando consciência de mim mesmo, meu primeiro impulso foi aquele de revide, atribuindo ao amigo as piores qualidades. Esses pontos de ressentimento como que

dançavam por dentro de minha cabeça, conquanto, eu ainda não tivesse exato conhecimento da desencarnação.

Foi a Vovó Angelina que se aproximou de mim e se encarregou de me lavar as idéias infelizes. Com extrema bondade, minha avó se me deu a reconhecê-la e pediu-me calma. Pediu-me para situar-me no lugar do companheiro que passava à condição de culpado e tantas fraquezas me mostrou em meu próprio espírito, que me transferi da revolta para a compaixão.

Pobre Roberto! Ele carregará por muito tempo a visão de uma janela de vidro quebrada, à força de um projétil fatal e o sangue a me desertar das artérias estraçalhadas.

Penso, querida mãe, no amigo que se afastou de seu convívio e do convívio do meu pai Manoel, temendo represálias e suportando a carga do arrependimento tardio. Felizmente, esqueci a parte negativa daquele brinquedo sinistro e não quero mentalizar a arma que me afastou do corpo físico.

Procuro refletir no amigo que, afinal, acabou por ferir a si mesmo, porquanto de minha parte não tenho o mínimo sinal da garganta atingida. Peço-lhe dizer isso a meu pai, rogando-lhe em meu nome, compreensão para o infeliz companheiro.

Do meu estado atual posso dizer-lhes que vou passando da melhor maneira, refazen-

3 - Cláudia Collaro Fernandes, noiva de Otávio.

do-me de todo para retornar ao trabalho que me espera.

Mãe, peço ao seu carinho comunicar-se com a nossa Cláudia sobre o assunto, afirmando-lhe que estou vivo e que, tanto quanto se me faça possível, tentarei colaborar para a felicidade dela. Companheira admirável e menina inteligente e generosa, não lhe será difícil reconstituir o caminho para a felicidade que todos lhe desejamos.

Peço-lhe, ainda, informar à nossa Nê⁴ que, em verdade, tenho visitado a ela e ao nosso amigo Pássaro⁴, a fim de abraçar também o nosso anjo que o Céu lhes colocou nos braços. Entretanto, peço à nossa querida Nê não se impressionar com o que digo, porque as minhas visitas são de paz e amor, dessa paz e desse amor que a querida irmã plantou em meu coração.

Não há motivos para qualquer preocupação. Afinal os mortos não existem e os irmãos que se querem uns aos outros não conseguem sustentar distância e esquecimento.

O mesmo acontece em relação à nossa Lina e ao nosso Emílio, ao Fábio⁵ e ao papai Manoel.

Mãezinha, estou bem, tão bem quanto pode estar um rapaz arrancado à força do cor-

4 - Nê - maneira carinhosa com que chamava a irmã Eneida. Pássaro - apelido de Noery, seu cunhado.

5 - Lina e Emílio Calçade - tios e padrinhos do Otávio. Fábio - sobrinho.

po sadio e forte de que se servia, para viver entre os homens.

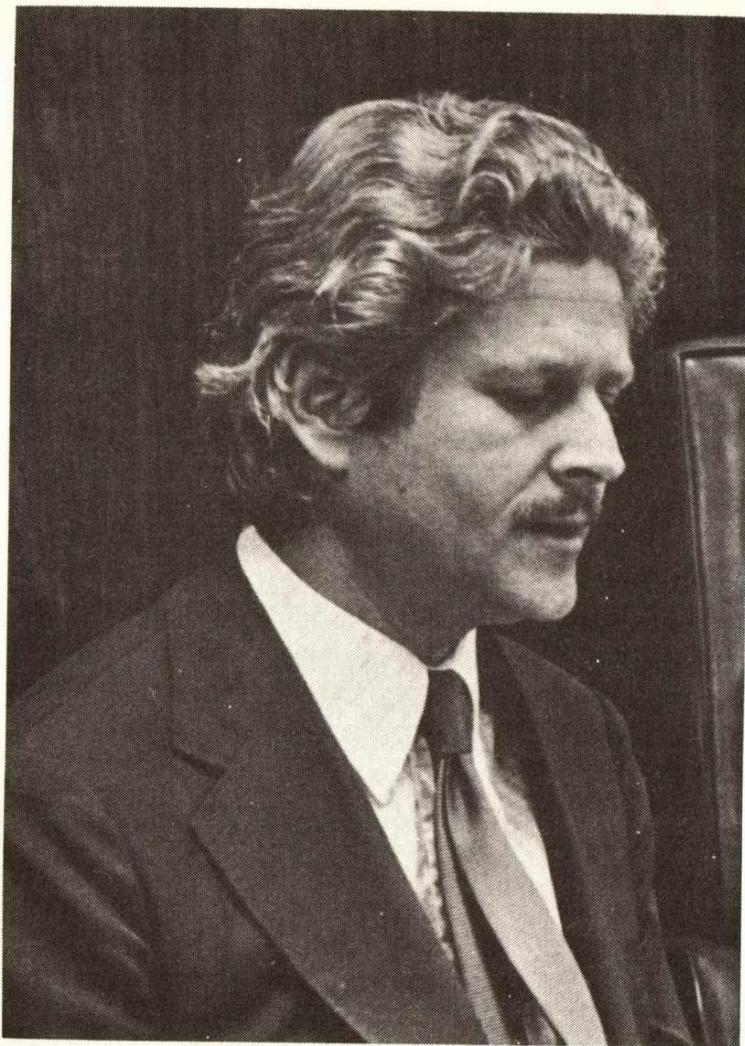
Minha bisavó Maria Sanchez⁶ tem sido aqui igualmente outra mãe para mim e a Vovó Angelina me consola, colocando entendimento e paz em meu espírito.

Mãe querida, se o Roberto aparecer em nossa casa, imagine nele a minha presença e que ninguém lhe falte com a gentileza que a ele devemos. O tiro havido, no fim de contas, hoje me parece uma destas brincadeiras de "faz de conta" que, em meninos, tantas vezes nos assinalou os encontros com os garotos do meu tempo de criança.

Querida Mãezinha, disse o que pude, a fim de assegurar-lhes os pensamentos e termino aqui, rogando ao seu coração querido e a meu pai Manoel receberem o carinho iluminado de gratidão com as muitas saudades do seu filho, sempre seu filho e companheiro do coração,

OTÁVIO JOSÉ SANCHEZ
29.MARÇO.1985

6 - Maria Rosa Souto Morales - bisavó. Fato interessante ocorreu com relação a esta senhora. O sr. Manoel, pai de Otávio, não a conheceu e não tinha conhecimento de sua existência. Após a mensagem é que, procurando nos registros competentes, veio a saber que era sua bisavó paterna, e que desencarnara mesmo antes de seu nascimento.



ROBERTO MEDEIROS FERNANDES

13.AGOSTO.1931 - 05.AGOSTO.1983

“Está junto à senhora um espírito de nome Júlio Ribeiro de Brito...”

Assim foi o contato inicial de D. Hilda com Chico Xavier.

“A surpresa foi grande, pois, tratava-se de meu avô paterno, há muito desencarnado, e eu não havia sequer mencionado o meu nome ao Chico.”

“E na reunião de 09 de novembro de 1984, nosso Chico leu a mensagem que me fez sentir uma emoção difícil de traduzir. Só mesmo estar diante dele, ouvindo palavra por palavra da mensagem de um ente querido é que pode dizer o que é a dor da saudade... Neste momento senti como nunca o significado doloroso desta palavra, e ao mesmo tempo, meu coração se alegrou em saber que era de Roberto que elas nasciam...”

A assinatura na mensagem me tocou muito de perto. Quando a vi, ainda sobre a mesa do Chico, fui dominada pela emoção. Era Roberto quem a assinava...”

Roberto Medeiros Fernandes nasceu em Batatais, interior paulista. Filho de Francisco Medeiros Fernandes e Francisca Garcia Fernandes.

Em 1947 veio para a capital a fim de completar seus estudos. Bacharelou-se no ano de 1961, em Direito, pela Universidade de São Paulo. Trabalhou no 5.º Tabelião de Notas da Capital até sua aposentadoria, desencarnando logo em seguida.

Leitor assíduo das obras espíritas, pautou sua vida nos ensinamentos hauridos dos livros, traduzindo em fatos o aprendizado teórico.

Tinha muito orgulho de um hábito introduzido junto à sua família: O Culto do Evangelho no Lar.

Casou-se com D. Hilda Britto Fernandes, união enriquecida com o nascimento dos filhos Flávio, Sheila e Cláudio.

Querida Hilda, Deus nos abençoe.

Embora os meus reduzidos conhecimentos doutrinários, não julgava que ainda neste ano pudesse trazer-lhe as minhas notícias.

Estou muito melhor e compareço habitualmente à nossa casa da Rua Teodoreto de Souto, no Cambuci, a fim de abraçar você e os nossos queridos filhos.

A Sheila, o Flávio, e o Cláudio, com o amparo de Jesus, estão em pleno desenvolvimento, encorajando-nos com a solidariedade e o carinho que nos ofertam.

Minha preocupação maior é ainda com você mesma, porquanto a vejo tão desolada agora em novembro, quanto a vi, quase que em desespero total, em agosto passado.

Venho pedir-lhe calma e coragem.

Agradeço a companhia dos nossos prezados irmãos Geraldo e Neyde¹, tanto quanto o devotamento de seu pai, nas elucidações com que nos acompanham e nos confortam.

1 - Geraldo Britto - irmão de D. Hilda. Neyde Alves Britto - cunhada de D. Hilda.

Querida Hilda, não conseguiríamos alterar o problema do linfoma de que a minha dor de garganta era um pálido reflexo.

Vejo-a refletindo e refletindo, imaginando que poderia talvez me oferecer condições de cura, mas isso, querida, não tem razão de ser. A verdade é que ninguém conhece com minuciedades de definição o corpo em que mora na Terra. E, além disso, trazemos aí no mundo conosco os agentes que se desdobrarão em tempo certo, preparando-nos a volta para a Vida Espiritual.

Convença-se de que, com todo esse amor, com que você me construiu a felicidade no mundo, você não poderia podar a anemia perniciosa com que o meu problema orgânico se agigantou quase que de repente.

Aceitemos as Leis da Vida em nós mesmos e não chore mais, com tanto pesar, porque isso me aflige ainda muito.

O seu avô Júlio² tem me prestado excelentes serviços, amparando-me com as explicações de que ainda necessito e peço habitualmente a ele para que auxilie você a se reanimar.

Quero dizer-lhe que não senti o mínimo desamparo. Aquela sua dedicação para comigo no Hospital do Servidor³ encontrou continuidade no amor com que a minha mãe Francis-

2 - Júlio Ribeiro de Britto - avô de D. Hilda, já desencarnado.

3 - Hospital do Servidor Público do Estado.

ca e a minha avó Clara de Jesus Medeiros⁴ me sustentaram na desencarnação.

Você e os filhos queridos eram o meu ponto nevrálgico para me agarrar apaixonadamente à vida física, mas, quando o corpo não me tolerou mais, rendendo-se à suprema exaustão, notei que duas senhoras me auxiliavam como se eu lhes fosse uma criança querida.

O coração parara no peito e vi uma nuvem esbranquiçada a envolver-me. Reconhecia-me ainda deitado e sem forças para mover sequer um dedo, quando vi aqueles semblantes que me sorriam...

Acenavam-me, convidando ao esforço para reerguer-me...

Entretanto, como doía deixá-la com os nossos garotos!

O homem enfrenta qualquer dificuldade para defender-se ou preservar a família, mas a morte era sinônimo de separação e por muito seguros me fossem os conhecimentos, relutei naquela rendição que não me parecia possível.

Queria ficar, consolar você, dizer aos meus filhos que os amava tanto, mas o corpo não me respondeu a qualquer solicitação. Quis falar com todas as minhas forças que eu estava vivo;

4 - Francisca Garcia Fernandes, mãe do Dr. Roberto, desencarnada em 1976.

Clara de Jesus Medeiros - avó, falecida em Portugal há muitos anos, antes do nascimento do Dr. Roberto.

no entanto, a boca não me dava sinal de correspondência...

Entre as duas vidas, enxergava unicamente aqueles rostos amigos que me sorriam, atirando-me sinais para que levantasse. Compreendi chorando e esforcei-me. Bastou isso e me vi em posição vertical num corpo que era em tudo semelhante ao meu, porém, mais leve e mais ágil.

Pensei em novamente me locomover e renteei com os amigos que pareciam à minha espera...

Aquele reencontro! Não sei se era de felicidade ou de infortúnio. A alegria se misturava com o sofrimento e o pranto me caiu dos olhos, enquanto me abraçavam aqueles benfeitores que, de certo modo, a princípio, teimara em obedecer.

— Pois você não nos conhece, meu filho? — era a Mãezinha Francisca a interpe-lar-me.

— Aqui sou eu, a sua avó Clara de Jesus! — explicava a benfeitora que me enlaçava suavemente.

— E eu — disse o amigo que as acompanhava — sou o seu avô Manoel!...⁵

5 - Avô Manoel. Existe uma dúvida ainda não dirimida. O avô paterno, marido de D. Clara de Jesus Medeiros chamava-se Manoel Augusto de Medeiros, também desencarnado há muitos anos em Portugal. O bisavô materno chamava-se Manoel Garcia.

Do recato natural que me aproximava e ao mesmo tempo me afastava das senhoras, entreguei-me aos braços de meu avô, soluçando, com um mundo de emoções contraditórias a se me entrechocarem no espírito, porque eu estava feliz por encontrá-los e infeliz por perder você e nossos filhos!

Um enfraquecimento brusco me abateu as energias e senti que o sono do grande repouso me dominava...

Fui transferido para um hospital da Vida Maior, onde recebi nova assistência e aqui estou agora, um tanto mais refeito, a fim de pedir a você paciência e coragem. Não estaremos separados. Você tem seu pai Sebastião e sua mãezinha Iris⁶ e seu companheiro procura agora ser agradecido aos familiares que me estenderam as mãos.

Não tema os problemas do mundo. Eles aparecem para enriquecer as nossas experiências. Tanto quanto se me torne possível, estarei com você e nossos filhos sempre que isso se me faça permitido.

Muitos familiares que a estimam têm sido aqui também para mim protetores e amigos que não posso esquecer.

A sua querida avó Flora Belletti⁷ tem sido de grande solicitude para comigo e peço a

6 - Sebastião Carvalho Britto e D. Iris Belletti Britto, pais de D. Hilda.

7 - Flora Belletti - Avó da esposa, desencarnou em São Paulo em 1968.

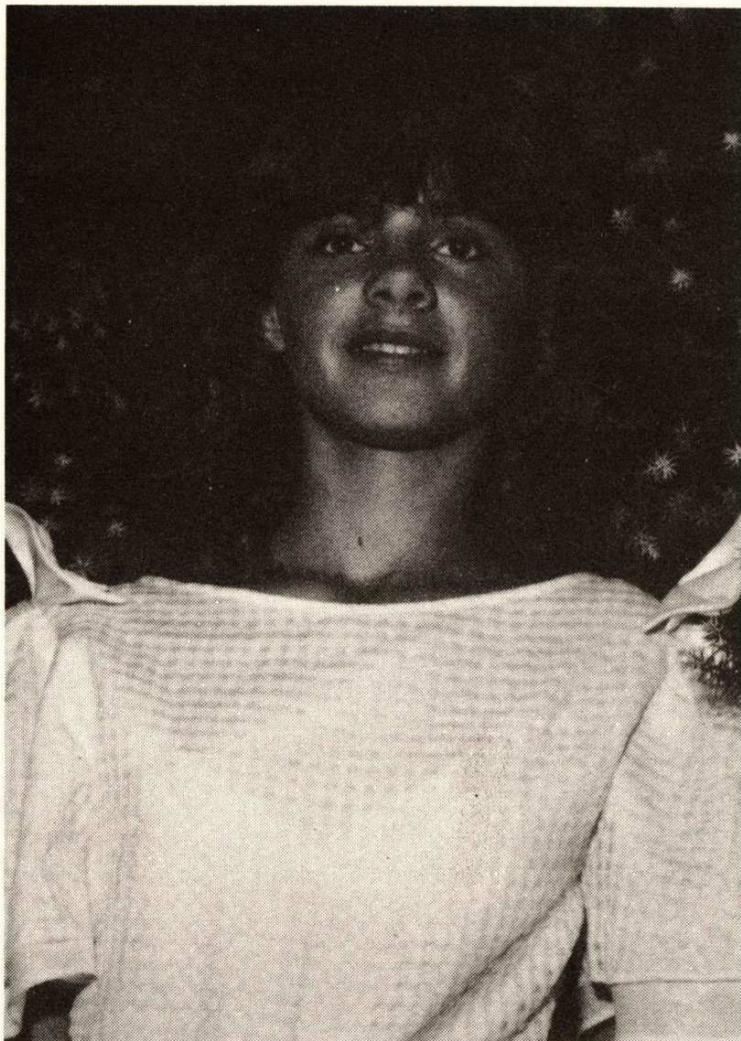
você agradecer por mim a tanta gente boa em suas preces.

Sou muito grato aos nossos irmãos Geraldo e Neyde que a encorajaram a vir até aqui e rogo-lhe interpretar meus agradecimentos a seu pai, que considero também por meu pai e meu amigo.

Querida Hilda, aqui termino. O coração fica no ponto final e meu pensamento seguirá entrelaçado com o seu.

Agradecendo a você o amor da existência inteira e a ternura incessante com os seus cuidados de todos os dias, beija-lhe as mãos queridas e devotadas o esposo e companheiro, irmão e servidor, sempre seu,

Roberto
ROBERTO MEDEIROS FERNANDES
09.NOVEMBRO.1984



SELMA RODRIGUES SANCHES

04.MARÇO.1969 - 07.ABRIL.1985

“Reconfortou-me muito. Não consigo expressar o quanto me senti feliz naquela noite. Impressionou-me a citação de minha irmã Amália, pois nunca havia falado dela; tive nove irmãos que desencarnaram muito cedo, e era difícil decorar o nome de todos.

Mas foi bom saber que sua mensagem ensina-nos o que significa o suicídio. Sentimos que ela desestimula quem procura tal caminho, na ilusão de que os problemas e as amarguras cessarão.

Agradeço aos bons irmãos Chico Xavier e Eurípedes, através dos quais me foi possível receber a mensagem, que tanto esclarecimento e conforto trouxe ao meu espírito.

Que Deus os abençoe.

(JÚLIA RODRIGUES SANCHES)

Selma nasceu e desencarnou em Santo André (SP).

Filha de D. Júlia Rodrigues Sanches e Nalmio Ribeiro Sanches, deixou, entre nós, também, a irmã Telma Rodrigues Sanches de Souza, casada com Eduardo Paulino de Souza.

Cursava o supletivo, 1º grau, na ocasião de seu regresso à Vida Espiritual.

Mãezinha Júlia, abençoe-me.

Eu não saberia descrever as minhas impressões de horror, depois de haver feito levemente a tentativa de tiro com a arma que me desapropriou a existência terrestre.

Estou aqui, acompanhada pela Tia Amália Sanches¹ que vem assumindo diante de mim o papel de generosa mãe, suportando sem qualquer censura a inconseqüência do meu gesto.

Acontece que naquele dia infeliz comecei a pensar no casamento da Telma e deixei que a melancolia se me apossasse do íntimo. Senti o gosto amargo da solidão antecipadamente e perdi grandes oportunidades de aprendizado, aqui com a agravante de adquirir o remorso que me engegueceu para a trilha da aurora.

De que modo me descartarei dos sofrimentos, que eu própria, impensadamente, instalei por dentro de minha alma, ainda, creio, não sei como fazer.

1 - Amália Sanches - irmã de D. Júlia, desencarnou há mais de 40 anos.

O Eduardo não teve qualquer culpa. Eu própria vasculhei recantos e gavetas, até encontrar a arma que me pareceu uma jóia admiravelmente talhada.

Experimentá-la foi o meu grande desastre e desconheço de que maneira iniciarei o meu esforço de rearticular o meu próprio controle.

Pedir perdão aos queridos pais, à irmãzinha e ao nosso amigo que nos honra a família, a meu ver, é a primeira medida para expungir a sombra que se condensou por dentro.

Preciso pensar nas causas de minha tristeza congênita, de meu desinteresse pela existência, o que significa, aos meus olhos, desrespeito às Leis de Deus.

Não tenho ainda visão ampla, capaz de senhorear os quadros que me cercam. A querida tia Amália Sanches é que se me fez o guia para movimentar-me.

Perdoe, Mãezinha Júlia, a sua filha que se deixou dominar pelas influências infelizes que me rodearam, como que me impelindo ao gesto fatal.

Sofro muito, em conseqüência de minha inadaptação à vida. E a verdade é que a vida na Terra era a melhor escola de que poderia dispor, a fim de chegar aqui sem problemas constrangedores que me arrasam as energias.

O suicídio é uma calamidade para

quem o pratica, de vez que suscitado por nossas próprias mãos o processo de sofrimento, não conseguimos prever o ciclo de provações a que teremos todos os sentimentos aprisionados numa rotina em que diariamente se nos refaz o martírio.

Perdoem-me em casa se lhes falo com esta linguagem da angústia. Não tenho outra para expor o meu íntimo carregado de frustrações. Ainda assim, espero em Jesus que jamais nos abandona.

Agora que me entrego à oração com todas as minhas forças, reconheço que recusar a vida que Deus nos concede é uma lesão da própria vida em nós e isso me aflige e quase me faz desesperar ao mesmo tempo.

Mãe, a tia Amália Sanches tem me falado de obsessões que nos seguem através de longas fases de nosso caminho e compreendo que fui vítima da cilada que me armaram, mas não quero isentar-me da culpa que se faz em mim complicado processo de perturbação e dor.

Peço-lhes vibrações de paz, a fim de que me tranquilize tanto quanto possível para refletir em recomeço do meu adestramento em resistência espiritual, porque já entendo que regressarei à Terra para transitar em caminhos iguais à estrada que abandonei indevidamente.

Em suma, desejo ao seu coração querido e a todos os nossos entes amados a felicida-

de que ainda não tenho para mim e compareço ante a família que me deu tanto amor, à feição da mendiga de afeto e compreensão em que presentemente me tornei.

Espero melhorar-me. Deus, que a ninguém menospreza, me renovará as energias para que me reencontre.

Muito amor para Telma. Meus pensamentos de ternura e carinho para o Marcelo² que se me faz agora um credor de minha mais alta gratidão.

Muitas lembranças para a nossa casa que tornei quase infeliz, e agradecendo a sua bênção que me refaz a esperança de melhores dias, sou, com meu pai, como sempre, a sua filha, mais sua por ser aqui o coração desolado que lhe pede continuar sempre, nas orações de necessária renovação.

SELMA RODRIGUES

17.MAIO.1985



VLADIMIR JORGE

07.DEZEMBRO.1953 - 22.MAIO.1973

“Quatro meses após a partida do meu filho, fui a Uberaba pela primeira vez, e, através de um aperto de mão e um sorriso, Chico Xavier me dizia para ter paciência, pois, a missão do Vladimir já havia terminado na Terra e tranqüilizou-me quanto à sua situação no Plano Espiritual.

A partir do ano seguinte, recebi algumas mensagens do Vladimir, através do Chico, uma das quais é publicada neste livro.

Graças a Deus, hoje estamos conscientes e felizes após as mensagens tão claras.

Rogamos a Jesus que abençoe sempre e sempre o nosso amigo Chico Xavier porque, através de sua mãos, pudemos receber a consolação e a paz para os nossos corações.”

ELVIRA PINTO JORGE

Vladimir nasceu em São Paulo no dia 07 de dezembro de 1953. Com Vânia, sua única irmã, o cunhado Frederico Alves, as sobrinhas Patrícia, Andrea e Simone, e os pais, Renê Jorge e D. Elvira, formou sua família aqui na Terra.

Os pais, a irmã e o cunhado são muito ligados ao GEEM - Grupo Espírita Emmanuel S/C Editora, de São Bernardo do Campo - de cujas atividades participam irrestritamente.

Frederico e Vânia dirigem o Grupo Casimiro Cunha - departamento do GEEM que cuida da divulgação espírita em Braille, além de aglutinar, através de extraordinário trabalho, companheiros cegos que encontram no Grupo Casimiro Cunha o amparo, o esclarecimento e a presença amiga de seus incansáveis diretores.

Desencarnou no município de Taubaté (SP), no ano em que concluiria o Curso de Administração de Empresas.

Mamãe, eu desejava escrever muito. Falar muito. Mas a sua bênção, em nome de Deus, é para mim o bastante para que me sinta contente por não conseguir expressar-me como desejaria.

Estou feliz, porque consegui trabalhar. Reajustar-me em tarefas novas. Luto pelo soerguimento. E isso, querida mamãe, não é fácil, depois de mudança inesperada como aquela que experimentamos.

A princípio, foi a luta. A luta enorme. Mas creia, os seus pensamentos de conformação me sustentaram.

Consultava o seu coração e sentia o seu valor de sempre, animando-me e instruindo-me para a renovação. As suas preces eram conversações queridas como são ainda hoje, quando o seu carinho se volta para a recuperação espiritual do papai. Prometo. Colaborarei com o seu devotamento.

Sou pequenino servidor a integrar-se nas obrigações diferentes, entretanto, os Mensageiros do Bem que nos guardaram nos braços,

auxiliando-nos na travessia da prova em que nos vimos, tomarão meu pai aos cuidados deles e vê-lo-emos novamente refeito, no campo da fé.

Entendo, Papai crê, mas a luz da confiança que sempre manteve em Deus brilha por trás da nebulosa das lágrimas concentradas naquele coração imenso de missionário do trabalho e construtor do bem.

Deixemos a ele o direito de interpretar as ocorrências do mundo, ao modo atual em que se lhe mostram as opiniões; o tempo é gerente da renovação espiritual e, com os dias, todas as situações se alteram para melhor.

Meu pai sonhou com um trio de forças que prossegue íntegro, tanto quanto possível, mas de outra maneira que não aquela que ele aguardou da vida. Estou em outra dimensão, mas prossigo agindo e servindo sempre à nossa casa e à nossa causa, e o nosso caro Fred hoje vê melhor com o discernimento íntimo, porque associado à nossa querida Vânia, ele vale por muitos obreiros na tarefa a que fomos chamados.

Nosso caro Valdemar¹, além de nós, aí se encontra ao nosso lado e no centro de nossas forças unidas; temos a sua energia maternal em que meu pai se baseia para ser, em favor de nós todos, o companheiro e o mantenedor de todas as horas.

1 - Valdemar Marques de Oliveira (Dema) - amigo de infância. Achava-se próximo do Vladimir, mas em outro carro, quando do acidente, na Rodovia Presidente Dutra.

Mamãe, continuemos. Diga ao nosso Frederico e à nossa Vânia que a nossa indústria está incluindo, graças a Deus, a indústria da assistência aos nossos companheiros tutelados do Braille. A obra vai conquistando novos horizontes e espalhando novas bênçãos.

Não posso dizer que me vejo incessantemente em casa, mas quanto se me permite estou em nosso ambiente, feliz por revisar meus pontos de vista em níveis mais altos.

Ao papai, envio o coração. Analista pelo raciocínio, campeão de lógica que ele é, compreendo que ele me buscará muito mais com o cérebro do que com o coração, mas minha avó Maria e meu avô Assif² esclarecem-me que violência não vale. Exijamos o fruto na flor e a flor desaparecerá com a nossa reclamação sem realizar-se no próprio destino.

Mamãe, querida, o trabalho no bem com o amparo de Deus nos trará a resposta para todas as nossas necessidades.

Rogo ao seu carinho a sustentação da perseverança em que nos formou o caráter. A pedra na Dutra terá inutilizado um carro e alterado uma vestimenta física - no caso a de seu filho - mas deixou-me intacto para seguir adiante. Papai reconhecerá que tudo é significação e luz na própria dor que nos visite.

2 - Maria Assef Jorge e avô Assif, desencarnados já há muitos anos.

A bondade de Deus reina sobre tudo e, ainda que não entendamos isso, apressadamente, as nossas dificuldades de percepção não modificam as bênçãos divinas.

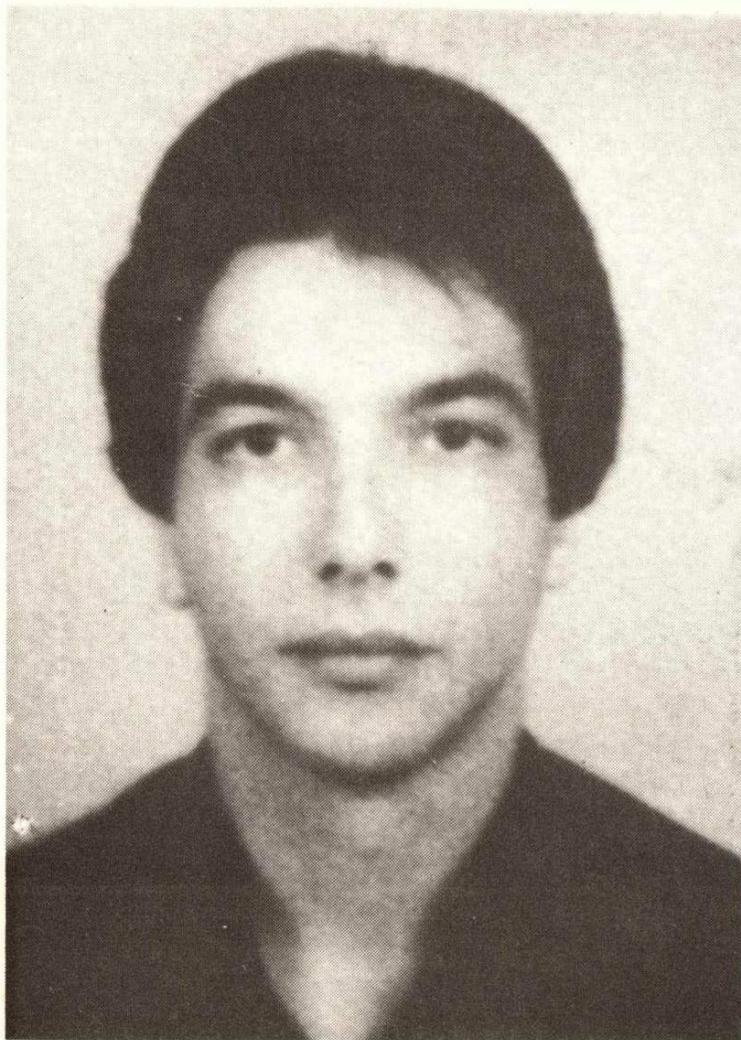
Sejamos agradecidos. Não nos faltará o socorro do Mais Alto. Guardemos a certeza disso e prossigamos para a frente.

Agradeço a sua calma e a sua fé viva, a sua compreensão e a sua paciência. De tudo o que aparece de melhor na vida, há sempre um coração repleto de amor oculto nos acontecimentos que se fazem visíveis. E o coração das Mães é esse tesouro escondido nos fatos da existência.

Abençoe-me e continue amparando-me. Lembranças para Fred e Vânia, com muito afeto a todos os que se fizeram continuação de nosso trabalho e de nossa casa, iluminada de amor.

E pedindo perdão pela impossibilidade de exprimir a emoção e a esperança que me dominam a alma, peço para receber o carinho incessante e a gratidão total de seu filho, sempre seu filho,

VLADIMIR
07.FEVEREIRO.1976



WILSON GUERREIRO PEDRA

08.JUNHO.1960 - 27.MAIO.1983

Natural de São Paulo, filho querido, comunicativo, fez inúmeros amigos em sua curta, porém salutar trajetória aqui na Terra, pois, soube curtir o estudo no Colégio MMDC, o futebol no Clube Varzeano da Moóca ("Tabajara") e no C.A. Juventus, e o início brilhante de sua carreira profissional na Johnson & Johnson, destacando-se como Promotor de Vendas, recebendo, inclusive, o título de Campeão de Vendas.

Desencarnou dia 27 de maio de 1983, aos 22 anos, deixando nos pais João Pedra Guerreiro e D. Iracema, e nos irmãos William e Fernando, a certeza de que a vida continua...

Assim a família Guerreiro se pronunciou a respeito da mensagem enviada pelo filho:

"Ao amigo Chico Xavier, nosso reconhecimento eterno pelo bem que nos trouxe, com as palavras reconfortadoras de nosso Wilson e, principalmente, mostrando-nos que o filho querido está em Paz.

Chico, a você, muita saúde, e que os seus Mentores Espirituais o protejam por toda a Eternidade."

Mãezinha Iracema, peço-lhe que me abençoe, com meu pai João, recebendo como sempre todo o meu respeito.

Mãe, tudo já se passou, mas não quero deixá-la com dúvidas sobre o meu carinho.

Não pude saber da Mara¹ na ocasião em que a moto me surpreendeu com o capotamento, mas espero que tudo esteja bem com os pais queridos e com os irmãos William e Fernando.

Estou bem, isto é, melhorando sempre mais e já tenho esperanças de ser útil à família querida.

Mãezinha, peça à Mara perdão por mim, porque eu sei que a desencarnação vem de Deus, mas eu não queria morrer sem realizar-me no sonho que foi a minha razão de viver.

Mãezinha Iracema, não fique entristecida ou desgostosa com a moto. Minha condução favorita não me poderia impedir de obedecer à

1 - Mara Regina Brunetti Azellano - companheira no passeio com a moto, quando se acidentou.

Lei de Deus que havia dado à moto o meu endereço naquele dia.

Tudo está na pauta dos Desígnios Divinos e só nos resta aceitar o inevitável.

Ninguém culpe a moto por desastres de que a pobre máquina não tem a mínima culpa.

Tudo tem a sua razão de ser. É o que aprendo aqui e, pelo fato de haver sofrido tanto com a provação que nos alcançou, busco ser otimista para não descer ao desânimo e à inutilidade.

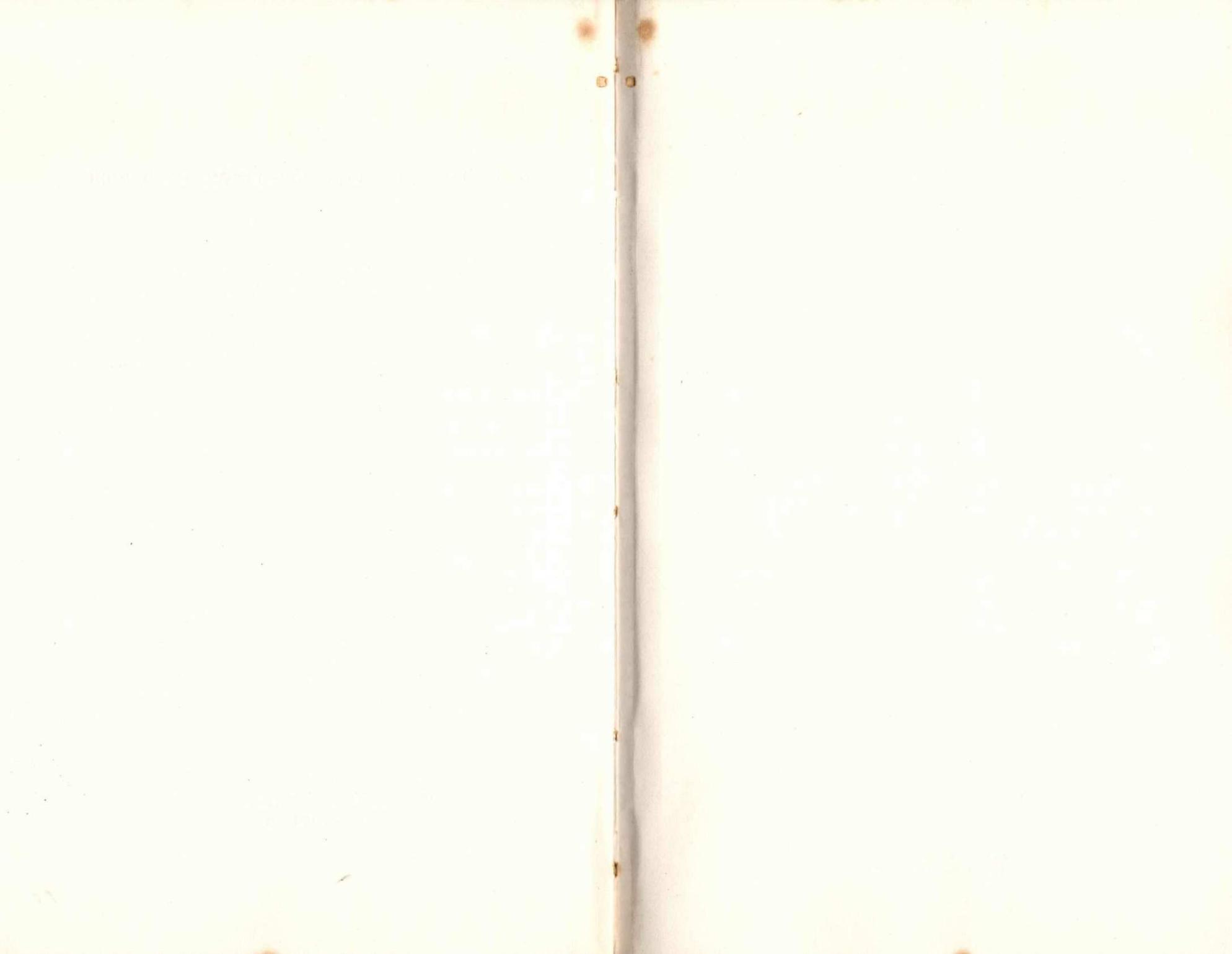
Peço-lhe animar o coração de Mara por mim, já que não tenho as palavras certas para fazer isso agora. Diga-lhe que Deus a fará feliz com outro companheiro, que espero seja muito melhor do que eu para sossegar-lhe o coração.

Peço não procurem inculpar a ninguém pela moto capotada.

Quero as responsabilidades sobre mim, pois se não soube impedir-lhe a queda é que eu não tive bastante calma para conduzi-la.

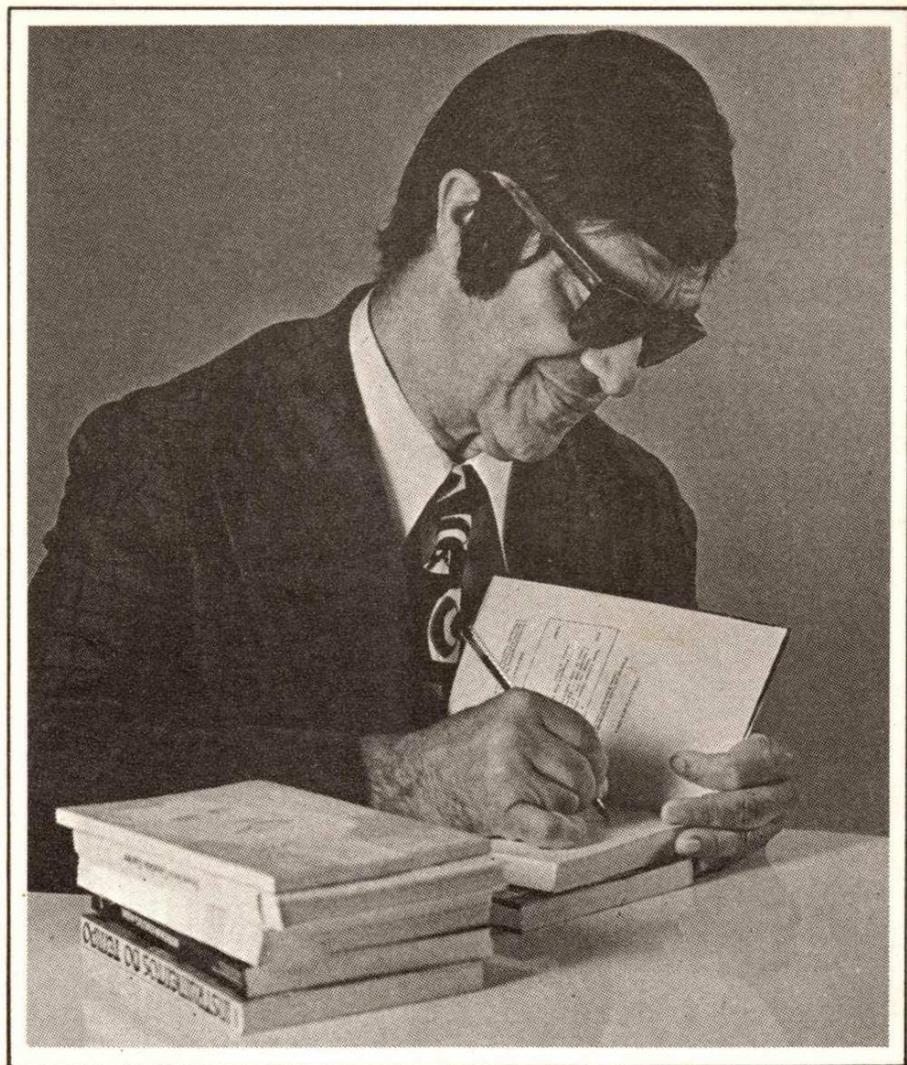
Mamãe, não posso escrever mais. Receba com meu pai e meus irmãos muitos beijos do seu filho,

Wilson
WILSON GUERREIRO PEDRA
29.MARÇO.1985





Impresso por
W. Roth & Cia. Ltda.



GRUPO
ESPÍRITA **GEM**
EMMANUEL S/C EDITORA